

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ASSOCIADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – UFV/UFJF

DANIELA GOMES ROSADO

**BANCO DE DADOS DOS JORNAIS OFICIAIS DA UFV (1965 A 2010)
– EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER**

Juiz de Fora

2011

DANIELA GOMES ROSADO

**BANCO DE DADOS DOS JORNAIS OFICIAIS DA UFV (1965 A 2010)
– EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós graduação associado em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora/Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Orientador: José Geraldo do Carmo Salles

JUIZ DE FORA

2011

Dedico este trabalho a todos que diretamente e indiretamente influenciaram no meu trabalho, cada uma dessas contribuições me deram uma força a mais para chegar ao fim dessa passagem.

AGRADECIMENTOS

A Deus, muito obrigada pela vida e pelos caminhos guiados.

À Santa Rita, padroeira de minha cidade, que peço socorro e me dá esperança.

Aos meus pais, Tânia e Reinaldo, que fizeram da minha trajetória escolar uma prioridade em suas vidas, abrindo mão de luxos e benefícios próprios para que todas as filhas pudessem usufruir das melhores escolas. Sem o incentivo e apoio deles jamais chegaria a tão longe.

Ao meu Bem, é difícil agradecer alguém que por opção quis fazer parte de minha vida e nunca, mesmo nos momentos mais difíceis, saiu do meu lado. Nunca vi alguém com tamanha inteligência emocional e paciência.

À Solange, ou a segunda mãe, simplesmente não tenho palavras para agradecer todo incentivo, ajuda, companheirismo e força. Lealdade, esse é o adjetivo que define essa pessoa tão especial.

Às minhas irmãs, que ao longo dessa trajetória tiveram que administrar seus espaços e suas “santas paciências” para conviver com uma pessoa de personalidade tão forte quanto eu.

À minha tia Eliana, que além de ter me ajudado a abrir os caminhos para exercer minha profissão, muitas vezes me norteou na escrita deste trabalho.

Às minhas inseparáveis amigas Karla e Karol, incluindo suas famílias, que sempre me ajudaram mesmo distante de todas as maneiras possíveis, a ponto de trabalharem comigo em fins de semana.

Ao meu orientador Gege, pela ajuda e paciência nessa longa trajetória iniciada na graduação. Você foi e sempre será uma pessoa muito importante na minha vida acadêmica e profissional.

Aos meus queridos companheiros do PEMEU, principalmente Janderson, Karen, Fernanda e Letícia, que estiveram ao meu lado durante todo esse processo e que sem eles, com certeza, essa pesquisa não chegaria ao fim no seu tempo hábil.

Ao Carlos Fernando, por ter possibilitado a minha entrada e permanência nesse programa de mestrado.

Ao meu amigo Rafael, que me ajudou a realizar o sonho de entrar no mestrado.

Às queridas amigas e “anjos” do arquivo histórico da UFV: Raquel e Mônica. Foi através delas que tive contato com a arquivologia e seus autores.

Aos coordenadores do mestrado, Natali e Jorge, por terem paciência e prontidão.

Um grande “quebra-cabeça”. As peças estavam todas embaralhadas aleatoriamente em cima de um enorme tabuleiro. Dispor as peças ordenadamente, compondo o quadro, era o objetivo maior a ser alcançado.

(CASTELLANI FILHO, 2006, p.17)

RESUMO

Esse estudo foi desenvolvido como parte de um projeto pesquisa financiado pela Rede CEDES sobre a memória do esporte universitário na Universidade Federal de Viçosa. O objetivo desta pesquisa foi criar um banco de dados, contendo todas as reportagens publicadas sobre Educação Física, esporte e lazer pelo jornal institucional da UFV. Bem como, elaborar um instrumento de pesquisa que facilite a busca neste banco. A importância dessa pesquisa reside no fato de ser inédita e básica para o desenvolvimento de pesquisa na área de história do esporte universitário, até então não existia um acervo organizado sobre o tema na UFV. Inclusive, esta pesquisa já tem servido como banco de dados para dissertações e monografias na área. A pesquisa foi iniciada com primeira edição do “Informativo UREMG” (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - antigo nome do jornal da UFV) publicada no ano de 1965, passando por todas as edições encontradas do “UFV informa”, e foi finalizada na última edição publicada em 2010, já com o nome atual: “Jornal da UFV”. Foi necessário inicialmente localizar todas as edições dos jornais, em seguida folheá-los para achar cada reportagem, numerá-las, scanneá-las, fichá-las e tabular os dados das mesmas. Para isto, foram criadas fichas específicas para a pesquisa contendo: o nome do aluno que fichou a reportagem; a data em que ocorreu o fichamento; o ano, a edição, a data, o conteúdo e a página do jornal; o resumo e as fotos da reportagem; e a própria reportagem. Portanto, o resultado dessa pesquisa foi a criação de um banco de dados e um instrumento de pesquisa.

Palavras-chave: História. Educação Física. Banco de dados.

ABSTRACT

This study was developed as part of a research project funded by Rede CEDES on the memory of college sports at the Federal University of Viçosa. The objective of this research was to create a database containing all published reports on physical education, sport and leisure by the newspaper's institutional UFV. Well as to develop a research tool that facilitates the search in this database. The importance of research resides in fact that it is unprecedented and the development of basic research in the history of college sports, until then did not exist an organized collect on the topic until at UFV. Also, this research has already served as a database for dissertations and monograph in the area. The research began with the first edition of "Informativo UREMG" (Rural University of Minas Gerais - former name of the journal of the UFV) published in 1965, going through all the issues encountered "UFV Informa", and was completed in previous edition published in 2010, now with current name "Journal of UFV". It was necessary to initially locate all editions of newspapers, then browse through them to find each entry, number them, scan them, plug them and tabulate the date from them. For this, chips were created specifically for research including: the student's name to the entry form; the date on which the book report; the year, edition, date, content and the newspaper page; the summary and photos reportage; and the story itself. Therefore, the research results was the creation of a database and a research tool.

Keywords: History. Physical education. Database.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ficha do catálogo seletivo no qual os descritores estão sombreados de amarelos.....	35
Figura 2 – Sequência de trabalho para a organização das fichas do catálogo seletivo.	38
Figura 3 – Exemplo de ficha dos banco de dados – parte I.	40
Figura 4 - Exemplo de ficha dos banco de dados – parte II.....	41
Figura 5 - Menu principal do instrumento de pesquisa.....	43
Figura 6 – Link para voltar ao <i>menu principal</i>	43
Figura 7 – O passo número 1 para o processo de filtragem das reportagens	44
Figura 8 - O passo número 2 para o processo de filtragem das reportagens	45
Figura 9 - O passo número 3 para o processo de filtragem das reportagens	45
Figura 10 - O passo número 4 para o processo de filtragem das reportagens	46
Figura 11 - O passo número 5 para o processo de filtragem das reportagens	47
Figura 12 – Planilha do instrumento de pesquisa que possui informações sobre as edições do Jornal da UFV	48
Figura 13 – Menu de tabelas e gráficos do instrumento de pesquisa.....	49
Figura 14 – Link para retornar ao <i>menu O jornal em números</i>	49
Figura 15 – Planilha do número de edições dos jornais por ano.....	50
Figura 16 – Planilha do número de fichas por ano.....	51
Figura 17 – Planilha sobre o número de fichas por década	54
Figura 18 – Planilha sobre o número de fichas por conteúdos.....	56
Figura 19 – Planilha de tabelas e gráficos da década de 1960	61
Figura 20 – Planilha dos gráficos e tabelas da década de 1970	63
Figura 21 – Planilha de tabelas e gráficos da década de 1980	64
Figura 22 – Planilha de tabelas e gráficos da década de 1980	65
Figura 23 – Planilha de tabelas e gráficos do século XXI.....	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de edições por ano (1965 -2010)	51
Gráfico 2 – Número de fichas publicadas por ano no jornal da UFV de 1965 até 1985	53
Gráfico 3 - Número de fichas publicadas por ano no jornal da UFV de 1985 até 2010	53
Gráfico 4 – Número de fichas por década.....	54
Gráfico 5 – Média do número de fichas por década.....	55
Gráfico 6 - Porcentagem de fichas por conteúdo, agrupando as modalidades esportivas em <i>Esportes</i>	58
Gráfico 7 – Número de reportagens por conteúdos	58
Gráfico 8 – Número de reportagem por modalidade esportiva (A - F).....	59
Gráfico 9 - Número de reportagem por modalidade esportiva (letra G)	59
Gráfico 10 - Número de reportagem por modalidade esportiva (H - M)	60
Gráfico 11 - Número de reportagem por modalidade esportiva (N - Y)	60
Gráfico 12 – Número de edições e fichas da década de 1960	62
Gráfico 13 – Número de fichas e número de edições na década de 1970.....	63
Gráfico 14 – Número de fichas e número de edições na década de 1980.....	64
Gráfico 15 - Número de fichas e número de edições na década de 1990.....	65
Gráfico 16 - Número de fichas e número de edições na década de 1990.....	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de edições do jornal da UFV por ano	50
Tabela 2 – Tabela do número de fichas por década	52
Tabela 3 – Tabela do número de fichas por década	54
Tabela 4 – Tabela do número de fichas por década	55
Tabela 5 – Número de conteúdos por fichas.....	56
Tabela 6 – Número de fichas por conteúdo, condensando todas as modalidades esportivas em único conteúdo denominado <i>Esportes</i>	57
Tabela 7 - Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1960.....	62
Tabela 8 – Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1970.....	63
Tabela 9 - Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1980.....	64
Tabela 10 – Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1990.....	66
Tabela 11 - Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1990.....	67

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
2.1. A Importância da história	19
2.2. A história e suas fontes.....	20
2.3. Os jornais enquanto fontes históricas	23
2.4. Os arquivos	26
3. METODOLOGIA.....	32
4. O BANCO DE DADOS	39
5. O INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	42
5.1. Menu.....	42
5.2. O catálogo das fichas do jornal da UFV.....	43
5.3. Os jornais da UFV	47
5.3. O Jornal em números	48
5.3.1. Número de edições por ano	50
5.3.2. Número de fichas por ano	51
5.3.3. Número de fichas por década	53
5.3.4. Média do número de fichas por década	55
5.3.5. Número de fichas por conteúdo	55
5.3.6. Década de 1960	60
5.3.7. Década de 1970	62
5.3.8. Década de 1980	63
5.3.9. Década de 1990	65
5.3.10. Século XXI	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
7. REFERÊNCIAS.....	70

1. INTRODUÇÃO

Uma vez li uma dissertação que me chamou a atenção¹. Ela iniciava sua apresentação da seguinte maneira: “Quando eu disse para o meu pai que iria estudar Educação Física (EFI), ele me perguntou: e o que faz alguém que estuda “isso”? Eu respondi: torna-se professora! A desaprovação estava no seu olhar, também a sua decepção, mas ele não me impediu de buscar o meu desejo.” (SILVA, 2009, p.8)

Imediatamente me identifiquei com sua trajetória, mas a desaprovação quanto ao egresso no curso de EFI veio da sociedade e não dos meus pais. No caso específico do mestrado, sofri uma desaprovação dupla.

Todo mundo que eu contava que eu fazia mestrado me fazia a seguinte pergunta: “em que?”. E eu respondia “em Educação Física”. Nesse momento acontecia o primeiro olhar de desaprovação.

Em seguida a pessoa perguntava: “mas em que área?”. E eu falava: “Em aspectos sócio-culturais do movimento”. Nessa hora sempre acontecia uma pausa que eu costumo chamar de “pausa dramática”, que significa um silêncio constrangedor, conseqüente do não entendimento da fala. Mas como ninguém entendia nada, eu logo imendava uma segunda explicação: “eu pesquiso história da Educação Física”. E aí vinha o segundo olhar de desaprovação.

Sempre depois dessa situação eu ficava pensando: “seria melhor eu não explicar o que estudava para que ninguém entendesse e assim, eu não sofresse o segundo olhar desaprovador?” E, hoje, com toda clareza respondo: “Não! Afinal porque não posso reunir duas ciências que realmente adoro e que contribuem diretamente para o avanço e desenvolvimento da sociedade?!” Melo (1999, p.19) argumenta sobre essa questão da valorização da história na Educação Física:

Alguns argumentos podem ser levantados na tentativa de entender o que está em torno do questionamento inicial e possível desvalorização da História nos cursos de graduação em Educação Física. Poderíamos, por exemplo, levantar o problema de afinidade da área de conhecimento. Argumentaria-se que aqueles que vêm cursar a graduação em Educação

¹SILVA, Ranah Manezenco. **As representações e as relações do esporte na Política Nacional de Esporte**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.

Física normalmente não se identificariam com disciplinas às ciências humanas/sociais, estando suas preferências voltadas às ciências exatas e/ou biológicas. Poderia-se também sugerir que significativa parte das faculdades/institutos de Educação Física estão ligados a centros/departamentos da área biomédica e que, normalmente, os vestibulares para o ingresso em faculdades/institutos privilegiariam disciplinas como a Física, Química e a Biologia.

Este seria um caminho bastante perigoso. Correríamos o risco de referendar uma visão pautada no senso comum, partindo de um antigo estereótipo de aluno que vem buscar os cursos superiores de Educação Física e desconsiderando algumas importantes mudanças na formação do professor e no perfil do estudante da área.

Eu sempre gostei de praticar esportes, participei de inúmeros campeonatos estudantis e todos os tipos de aulas em academias. Minha mãe sempre dizia: “Acho que sua casa é só um hotel, porque sua residência é o clube!”. Eu ficava o dia inteiro no Viçosa Clube, minhas amizades eram todos de lá. Enfim, o ESPORTE sempre fez parte de minha HISTÓRIA.

Entrei no curso de Educação Física por influência de pessoas próximas que achavam que eu tinha o perfil do curso, porque eu nunca tinha me imaginado como uma professora de Educação Física. Hoje agradeço a cada uma dessas pessoas que me incentivaram a inscrever no vestibular para Educação Física, pois logo que entrei no curso a identificação e a paixão foram imediatas.

A história sempre foi uma disciplina que me fascinou durante a vida, desde muito nova. Primeiro, é claro, porque sempre tive excelentes professores, o que considero fator fundamental. Ninguém vai gostar de algo que não entenda. Segundo, porque era única matéria que realmente discutia a sociedade de maneira crítica e lógica. A idéia de se estudar o passado possibilitar entendermos de onde viemos, onde vivemos e porque somos assim. Não que eu acredite que a importância da história se resume a explicar o presente, mas foi isso que inicialmente me instigou curiosidade. Hoje acredito que a história tem sua própria importância como afirma Melo (1999, p.25)

Não pode ser descartada sua contribuição [história] no conhecer e manter das tradições que se estabeleceram. Por si só, o patrimônio construído por nossos antepassados merece ser resguardado, inclusive pelo impacto que ocasiona na memória da sociedade.

Na graduação em Viçosa, tive a disciplina história da Educação Física e a possibilidade de pesquisar as trajetórias de alguns dos clubes de Viçosa, e em um deles² tive a oportunidade de criar, junto com um arquiteto, uma sala de memória³.

Durante a minha primeira etapa do mestrado em Juiz de Fora participei do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte (GEPHEFE) do qual tive contato com uma pesquisa feita no Jornal Pharol que coincidentemente era desenvolvida por uma ex-colega de trabalho do Viçosa Clube.

Quando eu vim para Universidade Federal de Viçosa (UFV), na segunda etapa do mestrado, influenciada por Juiz de Fora, resolvi pesquisar o Jornal⁴ da UFV, utilizando também um processo de fichamento das reportagens do jornal, apenas adaptando-os para o objetivo da minha pesquisa. Enquanto em Juiz de Fora aconteceu uma análise das reportagens que já estavam micro filmadas, em Viçosa, as publicações nas áreas de lazer e esporte seriam selecionadas, organizadas e scaneadas gerando um instrumento de pesquisa (banco de dados) para que futuras análises fossem desenvolvidas.

Além dessa influência direta no tema de minha pesquisa, o GEPHEFE também possibilitou a aproximação do grupo de pesquisa que eu participo com a Rede CEDES⁵. Foi através da divulgação do edital desta rede por membros do GEPHEFE, que a UFV enviou o projeto e que foi contemplada com um financiamento para pesquisar a “Memória do esporte universitário em Viçosa”. Nesse momento foi criado o Grupo de Pesquisa em Memória do Esporte Universitário (PEMEU)⁶.

² O clube a que me refiro é o Viçosa Clube (VC), localizado em Viçosa - MG do qual sou sócia desde que nasci e estagiei durante toda minha graduação. O VC foi inaugurado em 30 de setembro de 1930 e teve como seu primeiro presidente Artur Bernardes Filho. Esse ano o clube comemorou 85 anos de história.

³ A sala de memória é o local reservado a conservação e exposição de documentos, fotos, medalhas e troféus do VC.

⁴ Os jornais institucionais da UFV durante o período pesquisado passaram por três nomes: Informativo UREMG (1965 a 1968), UFV informa (1969 a 1992) e na atualidade, Jornal da UFV.

⁵ A Rede CEDES — Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer — foi implantada como ação programática do Ministério do Esporte, gerenciada pelo Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte, da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer (...) integrando o conjunto de ações do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) direcionado para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Esporte e do Lazer. Texto disponível em: <http://www.esporte.gov.br/sndel/esporteLazer/cedes>. Acessado em 12/11/2010, 13:07.

⁶ O PEMEU tem como etapa obrigatória e final do edital da Rede CEDES um livro sobre a memória do esporte universitário da UFV. Os capítulos que envolvem as memórias dos Jogos Universitários de Viçosa, das técnicas mulheres da LUVÉ, da mulher atleta na década de 80, do voleibol na UFV e da história do futebol na UFV utilizaram o banco de dados apresentados nessa dissertação como fonte

Esse grupo tem diversas pesquisas, dentre elas, a história do voleibol, levantamento de peso e futebol na UFV, o estudo das mulheres atletas na década de 1970, a memória dos Jogos Universitários de Viçosa (JUV's), as técnicas da LUVE. Quando as pesquisas começaram a se desenvolver, viu-se a necessidade de encontrar nomes, pessoas, datas, enfim, de documentos que possibilitassem uma primeira referência para o início dos estudos. Então, nos deparamos com uma realidade difícil: não existe nenhum arquivo organizado sobre Educação Física, esporte e lazer na universidade.

Todos os documentos, atas e fotos encontram-se espalhados por diversos órgãos e nesses locais, estão empilhados em caixa sem nenhum critério de distribuição ou qualquer identificação. Mais uma vez, viu-se a necessidade de criar um instrumento pesquisa que selecionasse, organizasse e facilitasse o acesso aos documentos que posteriormente proporcionariam as pesquisas destas temáticas na UFV. E, neste momento, ficou solidificada a idéia e o objetivo de minha pesquisa: criar instrumento de pesquisa para reportagens do jornal institucional da UFV, relacionadas à Educação Física, esporte e lazer ao longo de 45 anos (1965- 2010).

O Jornal da UFV foi tomado como objeto da pesquisa pelo fato de ser um jornal institucional, produzido e publicado pela própria instituição, sendo fonte documental de divulgação dos eventos e acontecimentos da universidade ao longo de sua trajetória. Acredita-se que essa não é uma fonte incontestável, mas é uma primeira referência.

A idéia da utilização de acervos para cunhos históricos é reafirmada por Bellotto (2007, p.231) “para o acadêmico e pesquisador universitário, o arquivo pode se apresentar numa outra dimensão cujas características mereceriam serem discutidas (...) a de laboratório de pesquisa histórica”. Inclusive, os trabalhos desenvolvidos no PEMEU já estão utilizando do banco de dados gerados por esta dissertação.

A necessidade de selecionar e organizar as reportagens do jornal demonstra a dificuldade do acesso às fontes, reforçando a idéia de que mais projetos dessa natureza sejam desenvolvidos. Para Bellotto (2007, p.231)

È sobre um tripé que sustenta a consulta a um acervo de arquivo: o historiador, o administrador e o cidadão. Para o primeiro, ali se concentra

sua matéria prima profissional; para o segundo, seu arsenal de provas, testemunhos e informações; para o terceiro, os dados que informam e definem a comunidade em que vive e sua própria atuação nela. Ora, a nenhum deles será possibilitado o acesso à informação requerida se não lhes for possível conhecer o conteúdo dos documentos do arquivo, sua tipologia, o órgão público que os produziu e as inter-relações existentes entre eles. Isso só se realiza por meio de uma publicação de instrumentos de pesquisa, que são o elo entre os documentos procurados e o usuário. Da mesma forma, o arquivo não será totalmente útil aos meios de saber e da cultura se não puder editar as obras raras, jornais antigos e monografias que independentemente de se basearem nos documentos do seu acervo, completam a sua missão informadora e formadora junto à sociedade. No que concerne os serviços de assistência educativa, o papel dos arquivos tem sido pouco explorado no Brasil, embora a pedagogia brasileira venha sendo renovadora e progressista.”

A história precisa de fontes, se estas estiverem devidamente organizadas e sistematizadas facilita o trabalho do pesquisador. E é nesse momento que entra uma ciência pouco discutida e conhecida na Educação Física, mas fundamental para o desenvolvimento da pesquisa na área história da Educação Física, ou em qualquer história: a arquivologia.

Segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística(1996, p.5), a arquivística, também conhecida por arquivologia “tem por objeto o conhecimento da natureza dos arquivos e das teorias, métodos e técnicas a serem observados na constituição, organização, desenvolvimento e utilização”.

Portanto, apesar do objetivo dessa dissertação estar relacionado à possibilidade de sistematização e acessibilidade de fontes documentais para estudos históricos em Educação Física, esporte e lazer, essa pesquisa se baseia em idéias e métodos pensados e divulgados por arquivólogos. Trata-se de um trabalho interdisciplinar.

A interdisciplinaridade é algo fundamental para a evolução das ciências e da própria sociedade, não se pode considerar as áreas do conhecimento como estanques. Todas as ciências estão em constante diálogo. Não existe a química sem a matemática, a história sem o português, e assim por diante. Como afirma Fazenda (1994, p.29), “A interdisciplinaridade é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos”.

Atualmente, os estudiosos tem se aprofundado cada vez mais em sua área afim, o que gera um detalhamento rico e primordial para desdobramento das pesquisas, mas ao mesmo tempo, perde-se a visão do todo.

Muitas vezes as áreas se tornam rivais por acreditar que uma está “invadindo a área da outra”. Quando, na verdade, “a interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas” (FAZENDA, 1994, p.29). O fato de estudar outras ciências vem da necessidade de entender a própria área de estudo.

Dois dos maiores gênios do mundo, como Issac Newton e Leonardo Da Vinci, não estudaram apenas uma matéria ou curso, eles tinham diversas formações, o que possibilitava a inter-relação fundamental das áreas e também os possibilita de entender o processo como um todo. Segundo ELIAS (1970, p.51)

Impossível não nos impressionarmos com as desvantagens produzidas pela especialização excessiva das idéias que ocupam a atenção exclusiva de cada intelecto individual. Sem dúvida que esta consequência infeliz é até certo ponto inevitável e inerente ao próprio princípio da divisão do trabalho. Por mais que façamos nunca conseguiremos igualar a omnisciência dos nossos antecessores, os quais deviam esta superioridade essencialmente ao desenvolvimento limitado dos seus conhecimentos.

Esta dissertação de caráter interdisciplinar foi organizada da seguinte maneira: Metodologia, Revisão Bibliográfica, O instrumento de pesquisa e O banco de dados.

Na *Metodologia* foram explicados os métodos e caminhos utilizados para elaboração e execução dessa pesquisa.

A *Revisão Bibliográfica* foi baseada nos pensamentos de autores da área de Educação Física, história e arquivologia, ciências que seriam de base para esta dissertação.

O capítulo *O instrumento de pesquisa* apresenta o programa criado para facilitar a busca das fichas no banco de dados.

O banco de dados explica e exemplifica o catálogo seletivo criado com as reportagens selecionadas nos Jornais oficiais da UFV sobre Educação Física, esporte e lazer.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. A importância da história

“O oceano da historiografia acha-se hoje povoado por inúmeras ilhas, cada qual com sua flora e a sua fauna particular. Ou, para utilizar uma metáfora mais atual, podemos ver a historiografia como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra a sua conexão exata e particular.” (BARROS, 2008, p.9)

Duas pessoas podem viajar para a mesma cidade, dentro de um mesmo carro, não descreverão a estrada da mesma maneira: uma poderá se lembrar das placas que marcam distâncias e lugares, outra poderá recordar as paisagens e vilarejos. Então, quando forem narrar a história dessa viagem, certamente a contaram de maneiras diferentes. Mas algumas dessas histórias serão falsas? Alguma dessas pessoas estão erradas? Não, simplesmente elas interpretaram fatos ocorridos de acordo com sua própria visão. Não existe a verdade absoluta e nem provas “neutras”, livres de interferências.

Mas o que se passa em todas as sociedades é uma idéia instrumental da verdade. Ou seja, é verdade que há um leão na floresta ou não é verdade. Mas não se pode colocar a questão: será que as crenças da tribo são verdadeiras? A questão não tem sentido. Da mesma maneira que um verdadeiro judeu, cristão ou muçumano não pode colocar em questão se aquilo é dito no livro sagrado é verdadeiro. A questão é privada de sentido, ela é um puro sacrilégio, certamente. (CASTORIADIS, 1992, p. 96)

Então, porque questionar a história só porque possui com suas inúmeras versões? Porque somente uma versão deve valer? Na física e matemática não existem diversos cálculos e fórmulas diferentes para se chegar a um resultado final?

Ninguém é capaz de retornar no tempo, apenas é capaz de representá-lo como afirma Gaddis (2003, p. 17)

[...]o passado, por sua vez, é algo que nunca poderemos possuir. Porque quando percebemos o que aconteceu, os fatos já estão inacessíveis para nós: não podemos revivê-los, recuperá-los, ou retornar no tempo como em um experimento de laboratório ou simulação de computador. Só podemos *reapresentá-los*. Podemos retratar o passado como uma paisagem próxima ou distante [...] Mas salvo com a invenção de uma máquina do tempo, nunca retornaremos para ter certeza.

Essa representação acontece de acordo com o tempo em que o pesquisador vive. A visão do passado é diretamente influenciada pela sociedade e cultura que os estudiosos estão inseridos. Segundo Silva (2009, p.8), “O conhecimento histórico se ocupa do passado, cujo sentido, é dado por nós, no presente.”

Não há um passado fixo, idêntico, a ser esgotado pela História. As esperas futuras e vivências presentes alteram a compreensão do passado. Cada geração em seu presente específico une passado e presente de maneira original, elaborando uma visão particular do processo histórico... Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer. A história é necessariamente escrita e reescrita a partir de posições do presente. (REIS, 2007, p. 9)

A história é escrita através do olhar do pesquisador sobre um determinado fato já ocorrido. O olhar desse pesquisador é influenciado pelas experiências de sua vida. A existência desse fato só é percebida através de rastros deixados. Então, a escrita histórica nada mais é do que a interpretação de vestígios e marcas deixados por um acontecimento passado.

O historiador “nunca chega antes de a experiência ser concluída. Mas, em circunstâncias favoráveis, ela deixa atrás de si resultados, os quais os historiadores podem ver com seus próprios olhos”. Se o tempo e o espaço oferecerem o *campo* no qual a história acontece, cabem à estrutura e ao processo promover o *mecanismo*. Por meio das estruturas que sobrevivem no presente – os “certos resíduos” mencionados por Bloch – reconstruímos processos inacessíveis para nós em razão de terem acontecidos no passado [...] Estas podem incluir osso e excrementos, ferramentas e armas, ou documentos depositados em arquivos; mas em cada caso foram sempre processos que os produziram. Só podemos conhecê-los pelas estruturas que eles deixaram para trás. (GADDIS, 2003, p. 51 e 52)

Nesta perspectiva, concordo com Fonseca (2002, p.275) de que o fazer ciência deve ser compreendido “como inseparável das condições econômicas, sócias e políticas”.

2.2. A história e suas fontes

A história é uma ciência que está intimamente ligado com a pesquisa. Uma versão da história pode ser construída com os seguintes ingredientes fontes (ou ausência das mesmas),⁷ interpretação do pesquisador e imaginação.

Segundo Veiga (1996), a imaginação e interpretação do autor devem estar aliados ao conhecimento metodológico da história, pois, senão qualquer indivíduo poderia se tornar um historiador. A subjetividade da escrita histórica deve ser respeitada sem perder o caráter científico.

Segundo Lopes (1996, p.37-38), a subjetividade também está presente no terceiro “ingrediente” da pesquisa histórica: as fontes.

Pode, talvez, haver alguma intencionalidade, ou não, na própria produção do material – que será um dia fonte- e no uso que se faz dele, mas não há mais a ilusão de que o documento, a fonte, é pura e fala por si só. Não só a escolha das fontes é subjetiva, como o trabalho com as fontes está sujeito a subjetividade de quem faz o trabalho. É um beco sem saída? Não é! E não por duas razões básicas. Nunca é demais lembrar que a subjetividade nada tem a ver com a trapaça. Falamos aqui de trabalhos honestos, feitos honestamente, e que portanto, admitem e incorporam a dimensão subjetiva do trabalho intelectual logo de saída. Por outro lado, um trabalho é mais rico e mais confiável quanto maior for o número de tipos de fontes a que recorre e com quanto mais rigor seja exercido o trabalho de confronto entre as fontes.

Então a questão da neutralidade nas fontes e na produção da história não existe mais, “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural e está submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade” (CERTEAU⁸ *apud* LOPES, 1996, p. 38).

Mas afinal o que é uma fonte?

As fontes históricas são restos do passado que chegaram até nós, no presente. Hoje, a História admite que qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, pode ser considerada uma fonte histórica. Nem sempre foi assim. Há pouco tempo atrás, somente as fontes escritas, chamadas genericamente de “documentos históricos”, eram contempladas no trabalho historiográfico. Todavia, os pesquisadores atinaram para a riqueza de outros objetos no que se refere à quantidade de informações que se pode extrair deles. Os historiadores contemporâneos não desprezam nada. Até a memória das pessoas, as tradições orais, são importantes para a reconstrução dos acontecimentos. (SILVA, 2009, p.9)

⁷ O fato de não existirem fontes também pode ser entendido como um indício para a construção de uma história, como por exemplo, o caso de documentos da época da ditadura no país que estão desaparecidos ou fechado ao público.

⁸ CERTEAU, Michael. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

As fontes são parte vital do processo de construção da história, elas são a primeira referência e o instrumento que permite ao pesquisador a conhecer o objeto a ser estudado. As fontes são os resquícios do passado que sobrevivem ao tempo e que possibilitam a interpretação do passado. Saviani (2006, p.28) traz o seguinte conceito de fontes:

“o ponto de origem, o lugar de onde brota algo que se projeta e se desenvolve indefinidamente e inesgotavelmente.(..) a palavra *fonte* é usada em história com sentido analógico. Com efeito, não se trata de considerar as fontes como origem do fenômeno histórico considerado. As fontes estão na origem, constituem o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, é nelas que se apóia o conhecimento que produzimos a respeito da história.

Para o autor, existem as fontes que podem ser criadas dentro de um processo de pesquisa, como também aquelas que podem ser disponibilizadas intencionalmente para estudos futuros, compreendendo documentos, vestígios, indícios que foram se acumulando ou foram sendo guardados, aos quais se recorre quando se busca compreender determinado fenômeno.

Por questões didáticas e metodológicas, as fontes são classificadas em primárias e secundárias. Segundo Schmidt; Cainelli (2006, p.96) “as fontes primárias são testemunhas do passado que se caracterizam por ser de primeira mão ou contemporâneas dos fatos históricos.”

Apesar de serem contemporâneas e de primeira mão, as fontes primárias não estão livre da subjetividade do autor como afirma Lopes (1996, p. 38)

Acreditava-se que as fontes primárias detinham uma pureza de produção e de conservação e que serviria, à pesquisa que estava sendo de maneira incontestada. Lá estava o adjetivo para dar segurança... Ninguém mais acredita nisso hoje, muito embora a primeira reação de um pesquisador (a) neófito seja começar a procurar por elas e acreditar que elas devam estar lá, em algum lugar, em estado puro, à espera de que sejam descobertas. Ninguém mais acredita nisso, porque sabe-se que a subjetividade, presente no trabalho do cientista social, seja ele historiador ou qualquer coisa, não pode mais ser ignorada.

A segunda classificação dos tipos de fonte corresponde a documentos que já são uma releitura do passado, foram produzidos numa época diferente do fato abordado. Para Schmidt; Cainelli (2006, p.97)

As fontes secundárias são registros que contêm informações sobre os conteúdos históricos resultantes de uma ou mais elaborações realizadas por diferentes pessoas. Essas fontes nos chegam por pessoas que realizam reconstruções do passado, cujas referências são diferentes testemunhos ou relatos. Exemplos a ser citados são as explicações do professor de história em sala de aula os livros didáticos, os mapas históricos, os gráficos etc.

Atualmente essa classificação vem sendo discutida e repensada. Segundo Mendonza (2000), esta conceituação, se adotada de forma ingênua, pode apresentar reconstruções arbitrárias e inúteis. Mas, como ainda é muito encontrada em livros de história e artigos de metodologia, é necessário entendê-la.

2.3. Os jornais enquanto fontes históricas

Os jornais da UFV, objeto dessa pesquisa, são fontes primárias, pois são contemporâneos aos fatos e os relatam de primeira mão. Mas, nem sempre foi assim, pois o conceito de fonte foi sendo alterado ao longo da história, como afirma Soares (2009, p. 51)

A ampliação do conceito de fontes e outras mudanças na concepção do exercício científico na História que são resultados de movimentos como a chamada Escola dos Annales possibilitou que os jornais e a imprensa começassem a ser investigados pelos historiadores.

A Escola dos Annales colocava-se como difusora de uma nova abordagem histórica interdisciplinar apontando sempre o problema do método (BURKE,1997). Segundo Schwartz (2004, p.127)

O movimento da Escola dos Annales fundado pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, na França, em 1929, tornou-se um marco simbólico em oposição às abordagens da história tradicional, baseada nos conceitos positivistas de pensamento linear e cronológico, rankianos, manifesta por uma historiografia factualista e generalizante, centrada em grandes personagens, batalhas e estratégias oficiais predominantes entre os historiadores até a metade do século XX.

Os historiadores dos *Annales*, propuseram um novo modo de “reconstruir o passado”, partindo do estudo de uma história-problema, viabilizada pelos demais ramos das ciências humanas, como a sociologia, etnologia, geografia, psicologia, literatura, dentre outras, num constante processo de revisão, releitura e aperfeiçoamento metodológico. Essa interdisciplinaridade e esse avanço metodológico possibilitaram a formulação de novos problemas, métodos e abordagens históricas, inscritos no contexto social por meio de uma história social.

Este movimento rompia com os conceitos tradicionais da história que repousavam sobre o positivismo, no qual a ciência buscava a verdade, objetividade, neutralidade e fidedignidade.

Para essa tendência [positivista], a história era vista no Estado e em suas atividades, sendo assim a mesma se limitaria a documentos escritos oficiais de eventos essencialmente políticos. De acordo com seu método, o historiador deveria apenas dar conta do que realmente passou. Ou seja, para a história alcançar a cientificidade, seria necessário seguir rigorosamente essas e outras recomendações. Dessa maneira, a história científica seria produzida por um indivíduo que se neutraliza enquanto sujeito para fazer aparecer seu objeto. (GUARNIERI e ALVES, 2007, p.4)

Portanto, o jornal não era considerado uma fonte na tendência positivista devido a seu caráter subjetivo e intencional, “uma vez que essas enciclopédias do cotidiano continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões, distorcidas e subjetivas” (LUCA, 2006, p. 124). Só a partir da ampliação do conceito de fontes é que os jornais foram aceitos enquanto documentos históricos.

A partir das possibilidades de análises históricas pelos *annalistas*, o fato histórico deixa de ser compreendido como algo real e verídico através do documento. Isto é, ele já não era mais o mensageiro da verdade absoluta do passado. Nessa esteira, a noção do que se constituía como fonte histórica ampliou-se e o documento deixou de ser apenas o registro político e administrativo, uma exclusividade dos povos com escrita. Pois para a história interpretativa mais que a veracidade do documento, importam as questões que o historiador lhe remeta.

Desde então, a fonte histórica, passou a ser construção do historiador e de suas perguntas, sem deixar de lado, a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre ele, mas também conhecer sua origem, sua ligação com a sociedade que o produziu, entre outros. (GUARNIERI e ALVES, 2007, p.5)

Segundo Luca (2006, p.123) “na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se validam jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história do Brasil”, pois a imprensa era vista, por autores da época, como uma fonte suspeita para pesquisas históricas, já que o jornal não tinha independência editorial e poderia operar de forma tendenciosa.

A subjetividade e a intencionalidade estão presentes no texto jornalístico, pois a reportagem é escrita de acordo com: a experiência de vida do jornalista, que influencia o modo de escrita dos seus textos; com a editora ou chefia, que direcionam as publicações de acordo com seus interesses e dos patrocinadores; e

com o público alvo ou consumidor daquela mídia, porque essa precisa ser vendida e render lucros.

É necessário ressaltar que os jornais são formadores de opinião e os jornalistas tem consciência disto, por isso produzem seus textos de modo que os leitores sejam convencidos e passem acreditar no que está escrito. Afinal, esse é o trabalho deles.

Sendo assim, notamos que estamos diante de uma fonte que em hipótese alguma é neutra e que traz consigo o real. Os jornais são documentos que representam pontos de vista, projetos de sociedade. Eles são veículos portadores de ideias, nem sempre uniformes e harmônicos, de sujeitos que escrevem e publicam com determinadas intenções. (SOARES, 2009, p.52)

Segundo Bacellar (2006), todo autor escreve um texto deixando pista de sua opinião. Nenhum texto é neutro, sempre traz a intenção de quem o escreve, cabe ao leitor filtrar a informação. Mas ele só será capaz disso, se entender a sociedade e o tempo onde o texto foi produzido, no caso específico dos jornais, também deve-se buscar compreender o jornal enquanto um todo, não se restringindo apenas as reportagens selecionadas. Como afirma Spink (2004, p.141)

Trabalhar com jornais, ou outro tipo de mídia estabelecida, requer o reconhecimento das regras a partir das quais os textos são gerados. Requer também a disposição de ler e acompanhar aquilo que é escrito dia após dia. Às vezes é possível identificar uma coluna regular ou uma parte do jornal que seja mais pertinente ao tópico em estudo, mas mesmo assim é necessário ampliar o olhar para ver o texto mais amplo dentro do qual o texto específico está sendo produzido.

Portanto, para que um pesquisador tome os jornais como base de fontes para sua pesquisa, é necessário que ele estude a sociedade em que esse documento foi produzido, como também entenda a publicação como um todo, para que sua análise não seja uma mera reprodução do discurso jornalístico presente no periódico selecionado.

A imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma aquilo que se elegeu como digno de se chegar até o público, O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise de discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (LUCA, 2006, p. 139)

Apesar dos jornais agirem sempre com parcialidade, eles são uma importante fonte de informação sobre o passado, pois: relatam o cotidiano da cidade e/ou do país, expõe fatos considerados importantes para a época que foram produzidos, e, muitas vezes se caracterizam como o único documento de um determinado período acessível ao público. Portanto o jornal pode ser considerado fonte histórica para o pesquisador, sendo apenas necessário o cuidado de compreender o contexto de sua análise e dominar os métodos científicos que o auxiliam nisto.

Vale ressaltar que as imagens presentes nessas reportagens também devem ser consideradas fontes históricas primárias, de acordo com Guarnieri e Alves (2007, p.6)

compreender as dimensões da imagem na pesquisa historiográfica, tendo em vista que a fotografia de imprensa, de igual modo, se constitui em fonte primária para as pesquisas com os periódicos, pois não só as palavras informam, as imagens também tem a propriedade reveladora de expressar muitos posicionamento sobre o assunto que se queria historiar

Após entender a importância do jornal enquanto fonte para pesquisa histórica e os cuidados necessários para que a análise não seja ingênua e reprodutora, passa-se a outra etapa: localizar a fonte numa das instituições e averiguar as condições oferecidas para consulta (LUCA, 2006). E no caso específico dos jornais há um outro problema que é a obtenção de séries completas. Segundo Spink (2004, p. 139) “os grandes jornais diários tendem a guardar suas edições durante anos, o que permite aos pesquisadores voltarem a eles de forma mais ordenada”. Mas de acordo com LUCA (2006) muitas vezes exige a peregrinação por várias instituições em busca de exemplares.

2.4. Os arquivos

Para se iniciar um trabalho, é necessário verificar se existem fontes disponíveis e sistematizadas, pois a ausência das mesmas significará na impossibilidade do desenvolvimento do estudo do pesquisador. CARDOSO e BRIGNOLI (2002, p.485) afirmam que,

Para começar, cumpre empregar todos os instrumentos de trabalho disponíveis: listas bibliográficas, fichários de bibliotecas e arquivos, bibliográficas de obras anteriores, fichários de bibliotecas e arquivos, bibliografias de obras anteriores sobre assuntos vinculados à pesquisa, catálogos de documentos elaborados por arquivistas, etc.

A história não pode ser escrita sem fontes, por isso, os arquivos e bibliotecas se tornam espaços tão importantes para o pesquisador de história. Os arquivos, desde o início da idade média até o final do século dezoito, eram de uso restrito do governo e tinham apenas valor administrativo. A partir do século XX, os arquivos abriram-se para o público e os pesquisadores, então, fez-se necessário “a presença de profissionais preparados a responder às expectativas e necessidades dos usuários, que buscam informações para a elaboração de seus trabalhos” (CALDERON et AL, 2004, p. 98). Neste contexto, surgem os arquivistas. Segundo Lima (1992, p.26) “um país sem arquivistas é um país sem arquivos, e um país sem arquivos é um país sem memória”.

O arquivista é o profissional formado no curso de arquivologia⁹, que é o responsável pelo gerenciamento da informação, gestão documental, conservação, preservação e disseminação da informação contida nos documentos. Este profissional tem por função a preservação do patrimônio documental de uma pessoa e/ou instituição, e recuperação da informação e da elaboração de instrumentos de pesquisa. É o principal profissional dos arquivos. Segundo Jardim *apud* Fonseca (2005, p.10) “importa muito que não percamos de vista a tríplice dimensão do objeto da arquivologia e sua ordem: arquivos – documentos de arquivos – informação”.

De acordo com Garcia e Schuch Júnior (2002, p. 41), no processo de evolução da arquivística, os arquivos inicialmente eram restritamente ligados ao conceito de documentos, conforme argumentam Camaro e Belloto (1996, p.5) “o arquivo é um conjunto de documentos que, independente da natureza ou suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas”. Atualmente a conceituação valoriza o conteúdo informacional registrado no documento. Lopes (2000, p.33) define os arquivos como

Acervos compostos por informações orgânicas originais, contidas em documentos registrados em suporte convencional ou em suportes que permitam a gravação eletrônica, mensurável em sua ordem binária (*bits*); produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, decorrentes do

⁹ Entre 1977 a 2008 foram criados 14 cursos de Arquivologia no Brasil (JARDIM, 2009,p.51) e foram publicados 77 obras na área de 1960 a 2006 (COSTA, 2007, p.12)

desenvolvimento de suas atividades, sejam elas de caráter administrativo, artístico ou científico, independente de duas idades e valores intrínsecos.

Após a análise desses conceitos, pode-se concluir que os arquivos surgiram da necessidade da criação de um espaço específico para conservação e organização de documentos, e que, esses locais possam permitir ao público o acesso as informações desejadas de maneira clara e rápida. Portanto, os arquivos são locais de custódia, conservação e comunicação de documentos (HENRIQUES, s.d.).

Os documentos surgem como uma necessidade humana de registrar as informações decorrentes de suas experiências, pois a memória é limitada e pode alterar lembranças e esquecer fatos importantes (CALDERON *et al*, 2004). CELLARD (2008, p.295) afirma que “por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais.

A história social ampliou noção de documento e tudo que é vestígio do passado e serve como testemunho é considerado documento (CELLARD, 2008). De acordo com (BELLOTO, 2007, p.35)

Documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, pela atividade humana.

Dos que vêm nos documentos fontes de verdade e testemunhos neutros do passado, é prudente atentar para o fato de que nenhum documento é fundamentalmente neutro, sempre carrega consigo a opinião de quem o escreveu (BACELLAR, 2006).

Os documentos são o ponto de partida do arquivista e do historiador. Mas existe uma diferença entre o que se considera entre a seleção de documentos por parte dos historiadores e arquivistas.

Na base de cada investigação histórica está à busca das fontes. O estudo do arquivo serve também para formular uma metodologia da pesquisa. O historiador, consultando os inventários que descrevem séries arquivísticas completas e preparadas seguindo o método da imparcialidade, escolhe e organiza as "suas" fontes, com base nas "suas" idéias de valor. Por esta razão, é verdade que o historiador e o arquivista têm um único ponto de partida, constituído pelos documentos, mas o arquivista não os avalia nem os interpreta individualmente, mas os considera em seu complexo (arquivo do órgão produtor). O objeto do estudo do arquivista é o arquivo na sua

integridade e na sua estrutura que ele reorganiza e, em seguida, descreve inteiramente no inventário; a reconstrução do historiador, por outro lado, é seletiva. (REIS, 2010, p.6)

O documento histórico está diretamente ligado ao objetivo da pesquisa do historiador, que escolhe e organiza as suas fontes documentais com base nos seus estudos. Já quanto ao arquivistas, a quem a documentação em um arquivo está confiada, “não lhes compete emitir juízo de valor, seja qual for o teor dos documentos que trabalham” (HENRIQUES, s.d., p.7). De acordo com REIS (2010, p.8),

O documento de arquivo não é resultado de um ato voluntário ou criativo, seja artístico ou investigador, mas o produto da atividade natural de uma instituição, criado para seu auxílio e destinado a deixar testemunho de sua gestão. Trata-se de um objeto único e não repetível daí a unicidade. A organicidade é outra característica do documento de arquivo, pois, ele surge mediante um processo normalizado em que cada ação da instituição produtora origina um conjunto de documentos ligados entre si.

Os arquivos passam por três estágios distintos de arquivamento, de acordo com o uso e idade dos documentos - corrente, intermediário e permanente (BELLOTO, 2007, p. 23 – 24) A adoção da teoria das três idades, ou ciclo vital dos documentos administrativos, mudou as técnicas arquivísticas e, em consequência, o uso dos arquivos e a própria arquivística.

Os arquivos de primeira idade, ou, correntes têm sob sua guarda documentos frequentemente consultados. Os arquivos de segunda idade, ou, intermediários têm sob sua guarda documentos de uso eventual pela administração que os produziu, devendo ser conservados em um ambiente temporário, aguardando a eliminação ou recolhimento permanente. Os arquivos de terceira idade ou permanentes têm sob sua guarda documentos que já cumpriram as finalidades de sua criação, porém devem ser preservados em virtude de seu valor histórico, probatório e informativo para o Estado e o cidadão (BELLOTO, 2007; REIS, 2010; BACELLAR, 2006).

Os documentos de arquivos são fonte de informação não somente para historiadores, como também para pesquisadores de diversas áreas, funcionários do Estado, autoridades públicas, imprensa, estudantes de primeiro e segundo grau, estudantes universitários, cidadãos comuns em busca de documentos comprobatórios, leitores curiosos, religiosos, redes de televisão (JARDIM, s.d., p.7). Segundo Henriques (s.d., p.7)

Aos arquivistas compete, sim, colocar-se à disposição dos investigadores, dos leitores individuais, independentemente do seu estatuto social ou do seu grau acadêmico, no sentido de facilitar o acesso à documentação em igualdade de circunstâncias no respeito pela Lei e pelas normas em vigor, publicamente divulgadas.

A Constituição brasileira e leis federais garantem a qualquer cidadão o acesso aos documentos presentes nos arquivos públicos¹⁰. Segundo a Lei número 11.111, de 5 de maio de 2005, só “será ressaltado exclusivamente nas hipóteses em que o sigilo seja ou permaneça imprescindível à segurança da sociedade e do Estado” (BRASIL, 2005). A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 em seu Título II – Dos direitos e garantias fundamentais, capítulo I – Dos direitos e deveres individuais e coletivos afirma que

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País, inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XXXIII- todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do estado.

A Lei número 8.159, de 8 de janeiro de 1991 (Política Nacional de Arquivos) em seu Artigo 22 diz que “ É assegurado o direito de acesso pleno aos documentos públicos”. Mas, o problema de acessar os arquivos é desvalorização dos mesmos no Brasil, a perda do controle do acervo, desorganização, insuficiência de pessoal, dificuldade de acessar informações.

Para Durham (1984, p.51) diferente de outros países, onde há uma valorização do passado, o Brasil existe um fascínio e encantamento pelo novo, o Estado parece prescindir da memória como instância legitimadora. “Até porque talvez tenha constituído estratégias de legitimação pelo esquecimento, das quais os arquivos públicos seriam umas das expressões mais evidentes” (JARDIM, 1996, p.10).

Os arquivos brasileiros enfrentam, de forma geral, os sérios problemas comuns aos serviços públicos: falta de pessoal, de instalações adequadas e de recursos. Geralmente não prioritários aos olhos governamentais, foram durante muito tempo tratados como instituições de segunda categoria, verdadeiros depósitos de papéis velhos e de funcionários problemáticos [...] Aventurar-se pelos arquivos, portanto, é sempre um desafio de trabalhar em instalações precárias, com documentos mal acondicionados e preservados, e mal organizados. (BACELLAR, 2006, p.49)

¹⁰ Lembrando que também existem os arquivos pessoais e arquivos de empresas que são arquivos privados, por isso, só os acessa aquele que tem autorização do dono ou responsável.

O historiador, especificamente, diante de tal realidade, leva meses e até anos para encontrar os documentos que servem ao tema do trabalho. Mas nem sempre se possui o tempo para essa longa procura. Então, por isso, é importante a organização de instrumentos de pesquisa que possibilitem uma primeira aproximação no processo de detectar a disponibilização da documentação que se procura. Segundo Bacellar (2006, p.51)

Os instrumentos de pesquisa são obras fundamentais à pesquisa, pois remetem ao consultante, com maior ou menor precisão, às fontes disponíveis. Essas fontes devem ter passado, portanto, por algum tratamento arquivístico prévio, visando à sua organização e identificação.

Além do problema de acesso aos arquivos, existe uma grande dispersão das fontes, distribuídas, muitas vezes, de forma aleatória, entre diferentes instituições e em poder de particulares. Portanto, essa pesquisa reuniu fontes documentais e criou um instrumento de pesquisa a fim de criar subsídios para pesquisas em história da Educação Física, esporte e lazer no espaço universitário em Viçosa.

3. METODOLOGIA

Em história tudo começa com gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outras maneiras. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. (CERTEAU¹¹, 1982)

Abre-se a metodologia dessa pesquisa com a citação de Michael de Certeau, pois, acredita-se que foi realizado um primeiro trabalho. Como afirma Cunha Júnior *et al* esse “Trabalho que serve de estímulo e de base documental para outros pesquisadores que se interessarem por trilhar os caminhos da história e da memória da Educação Física”(2003, p. 4)

Este estudo perpassa pela arquivologia, visando fornecer fontes documentais para pesquisas históricas na área de Educação Física e, especificamente, do esporte universitário. Para isso foi criado um banco de dados de forma a selecionar e organizar as reportagens dos jornais institucionais da Universidade Federal de Viçosa¹² (1965-2010) denominado catálogo seletivo.

O catálogo seletivo traz uma “relação seletiva de documentos pertencentes a um ou mais fundos e, no qual cada peça integrante de uma unidade de arquivamento é descrita minuciosamente” (BELLOTO, 2007, p. 213).

No caso desta pesquisa, o fundo seria o Jornal da UFV e as peças seriam as reportagens selecionadas sobre Educação Física, esporte e lazer na UFV. A descrição minuciosa de cada peça acontece através dos diversos descritores da fichas: nome, data, número da ficha, edição, ano, data, página, jornal, conteúdo, reportagem e imagens.

¹¹ CERTEAU, Michael. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense 1982.

¹² A Universidade Federal de Viçosa originou-se da Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV, criada pelo Decreto 6.053, de 30 de março de 1922, do então Presidente do Estado de Minas Gerais, Arthur da Silva Bernardes. A ESAV foi inaugurada em 28 de agosto de 1926, por seu idealizador Arthur Bernardes, que na época ocupava o cargo máximo de Presidente da República. Em 1927 foram iniciadas as atividades didáticas, com a instalação dos Cursos Fundamental e Médio e, no ano seguinte, do Curso Superior de Agricultura. Em 1932 foi a vez do Curso Superior de Veterinária. [...] Visando ao desenvolvimento da Escola, em 1948, o Governo do Estado transformou a em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG, que era composta da Escola Superior de Agricultura, da Escola Superior de Veterinária, da Escola Superior de Ciências Domésticas, da Escola de Especialização (Pós-Graduação), do Serviço de Experimentação e Pesquisa e do Serviço de Extensão. Disponível em: www.ufv.br. Acesso em: 04/12/2010, 23:08.

1. *Nome*: é o nome do indivíduo que fichou a reportagem. Essa informação era primordial para o controle interno do grupo envolvido no trabalho,
2. *Data*: é o dia que a reportagem foi fichada. Necessário para verificar o desenvolvimento da pesquisa de acordo com o cronograma estabelecido.
3. *Número ficha*: é o número de identificação da ficha. Fundamental para na organização do catálogo seletivo.
4. *Edição*: Número de edição do jornal. Identifica o jornal selecionado.
5. *Data*: dia em que o jornal foi publicado.
6. *Jornal*: como o jornal oficial da UFV passou por vários nomes (Informativo UREMG, UFV informa e jornal da UFV), colocou-se esse descritor para identificar o nome que estava sendo utilizado no dia de publicação da reportagem fichada.
7. *Conteúdo*: refere-se ao conteúdo abordado pela reportagem. Por exemplo, uma reportagem que tinha como tema central os jogos Universitários de Viçosa tinha como conteúdo a palavra Jogos. Esse descritor tem que ser explicado detalhadamente, pois através deles foram criadas as categorias das reportagens. E, essas categorias, provavelmente, serão o agente facilitador no processo de busca e acesso às reportagens. Um estudante que quiser pesquisar a história do voleibol na UFV, achará as reportagens ligadas ao seu tema através das fichas que tiverem os conteúdos voleibol. A denominação do conteúdo da reportagens será detalhada abaixo:
 - 7.1. *DES*: refere-se às reportagens ligadas à parte acadêmica, administrativa e estrutural do departamento de Educação Física e da UFV. São elas: as teses e dissertações defendidas por professores, cursos, palestras, obras, livros lançados, mudança de chefia, prêmios conquistados.
 - 7.2. *Jogos*: aborda todas as competições oficiais acontecidas na UFV, ou, disputadas por pessoas ligadas à instituição. Exemplos: Jogos Universitários Viçosenses, Jogos Universitários Mineiros, Jogos Universitários Brasileiros, Jogos Escolares Viçosenses, Olimpíadas globais, interclasse do

COLUNI¹³, Agronomíadas¹⁴. Os amistosos aparecem na categoria da modalidade esportiva correspondente, por exemplo, amistosos de voleibol da UFV contra UFJFJ aparece com o conteúdo “voleibol”.

- 7.3. *Lazer*: eventos comemorativos e atividades de lazer desenvolvidas pela UFV. Exemplos: colônia de férias, tarde de lazer, domingo na praça, dia do trabalhador, aniversário da universidade, etc.
- 7.4. *LUVE*¹⁵: aparecem nessa categoria as reportagens ligadas a área administrativa da LUVE, como troca de diretoria, reuniões com o reitor e eventos da própria associação. As demais reportagens que divulgam as diversas equipes esportivas da LUVE estão vinculadas ao esporte correspondente. Exemplo: uma reportagem sobre um jogo da equipe de voleibol da LUVE em Brasília tem como conteúdo a palavra “voleibol”. Isto porque as pesquisas desenvolvidas na área, em sua maioria, voltadas para a história de uma determinada modalidade.
- 7.5. *Modalidades esportivas*: Em relação aos esportes, colocamos como conteúdo da ficha a modalidade esportiva específica abordada pela reportagem. A ficha 13 relata que um estudante da UFV participou da corrida São Silvestre, então o conteúdo é atletismo. Quando a reportagem descreve sobre mais de uma modalidade, como a ficha de número 3 de título “LUVE e Universidade de Brasília inauguram as quadras de vôlei e de basquete da UREMG” possui dois conteúdos: basquete e voleibol.

8. *Reportagem*: resumo e imagem da reportagem.

9. *Imagens*: as imagens que apareceram na reportagem aparecem “recortadas” para facilitar a utilização das mesmas em futuras pesquisas e/ou exposições.

¹³ O COLUNI é o colégio de aplicação da UFV.

¹⁴ Jogos internos do curso de agronomia na UFV.

¹⁵ Liga Universitária de Viçosa.

10. *Ano*: caracteriza a idade do jornal. Exemplificando: o ano 1 representa o primeiro ano de publicação do jornal e o ano 20 representa o vigésimo ano de vigência da publicação.



Ficha de pesquisa - Memória do esporte universitário UFV									
Nome:	Daniela Gomes Rosado				Data:	28/08/2010			
Nº ficha:	15	Edição:	292	Ano:	8	Data:	23/02/1973	Página:	2
Jornal:	UFV informa		Esporte:		DES				
Título:	Universidade ensina Educação Física								
Reportagem:									
Em uma atividade extensionista, os professores do DES ofereceram um curso para os professores da rede particular e pública de Viçosa.									
<div style="text-align: center;"> <h3>UNIVERSIDADE ENSINA EDUCAÇÃO FÍSICA</h3> <p>Objetivando oferecer seus recursos humanos e materiais, através da extensão, para o desenvolvimento das comunidades, a Universidade Federal de Viçosa promoveu um "Estágio Técnico-Informativo de Educação Física", com participação dos professores que atendem à rede particular e oficial de ensino em Minas Gerais.</p> <p>Constam do programa aulas práticas e teóricas, assim distribuídas: Educação Física no Quadro Geral da Educação, Estudo e Divisão dos Métodos, Definição e Classificação dos Jogos, Recreação, Iniciação Esportiva, Didática, Socorro de Urgência, Bio-metria, Fisioterapia e Estudo de Problemas Brasileiros.</p> <p>Os estagiários tiveram a oportunidade de debater, através de seminários, os diversos assuntos relacionados com a área da Educação Física, de acordo com a complementação de aulas práticas e teóricas.</p> </div> 									
Imagens:									
									

Figura 1 - Ficha do catálogo seletivo no qual os descritores estão sombreados de amarelos

Para Maillard (2008, p.41) descritor¹⁶ é “um identificador para acessar um arquivo”, os descritores dessa pesquisa apresentam informações fundamentais na identificação da reportagem selecionada no jornal. Quando algum pesquisador ou cidadão comum da área quiser acessar ou identificar o jornal, ele o conseguirá através dos descritores da ficha. Para facilitar o processo de identificação das publicações é necessário esclarecer e justificar cada um deles:

Para Belloto (2006, p.213) existem dois tipos de catálogo seletivo: o primeiro seria “o que traz a seleção no sentido da captação, dentro de conjuntos documentais que se referem especificamente ao tema, à pessoa ou ao evento proposto” e o segundo seria “o que, além de seleção por tema, pessoa ou evento, ainda traz uma escolha feita pelo autor no sentido de “os mais importantes”.

As reportagens selecionadas foram todas aquelas que tinham alguma relação com a Educação Física, o esporte e o lazer vivenciado ou organizado pela UFV, não acontecendo qualquer outro tipo de seleção, seja por mais ou menos importantes. Então, o instrumento de pesquisa criado pode ser caracterizado no primeiro tipo.

Um arquivo não tem entre suas obrigações primeiras a produção de catálogos seletivos. Sua elaboração se dá quase sempre em virtudes de efemérides e eventos ou como um de exposições de documentos. Frequentemente é feito por pessoa não pertencente ao quadro de funcionários do arquivo, com ou sem colaboração destes.

As efemérides constituem, em geral, boas oportunidades para historiadores e arquivistas: aos primeiros de encetarem trabalhos de revisão crítica sobre o evento comemorado; aos segundos, de levantarem o *corpus* documental necessários àquela revisão. (BELLOTTO, 2006, p.214)

Na UFV existe o arquivo central histórico que seleciona e arquia documentos relativos à instituição. Mas seria praticamente impossível que o arquivo fizesse um catálogo seletivo sobre todas as temáticas abordadas nos documentos institucionais. Como afirmou BELLOTTO, esses catálogos são feitos por pessoas que não pertencem ao quadro de funcionário do arquivo e que tem algum interesse, afinidade ou intenção na produção desse instrumento. No caso dessa pesquisa o objetivo era levantar o *corpus* documental necessário para as pesquisas históricas sobre

¹⁶ O descritor de arquivo também é utilizada na área de informática, como descreve Santos (2000): O nó de indexação de um arquivo é a estrutura de identificação do arquivo dentro de um sistema. Quando um processo quiser manipular um arquivo, ele vai simplesmente utilizar um inteiro chamado descritor de arquivo [...] o descritor tornando-se então o nome local de acesso desse arquivo no processo.

Educação Física, esporte e lazer universitário em Viçosa, já que não existem fontes ou documentos devidamente organizados e disponíveis para esse tipo de estudo.

Até mesmo para encontrar os Jornais da UFV é difícil, já que estes, devidamente encadernados e organizados, estão numa sala sem acesso ao público. Para encontrá-los foi necessário percorrer alguns caminhos: Ir a biblioteca central da Universidade Federal de Viçosa, onde os livros não estavam organizados e faltavam algumas edições; encontrar uma funcionária que tinha contato com o antigo editor do jornal, que nos direcionou para uma pessoa na UFV que guardava um arquivo organizado com a maioria das edições encadernadas; conseguir uma liberação para o acesso a esses documentos através de um termo de responsabilidade do orientador dessa pesquisa; retornar a biblioteca para conseguir as publicações não encontradas, e acessar o *site* oficial da instituição para conseguir os jornais mais atuais.

Esta trajetória pela busca do jornal da UFV só vem retificar a dificuldade para acessar as fontes necessárias para a produção de uma pesquisa histórica e a necessidade da organização dos documentos e arquivos da instituição para que os todos os pesquisadores e interessados tenham acesso amplo e facilitado dos mesmos.

Após encontrar os jornais, eles passaram por sete etapas:

1. Seleção: Foram selecionadas todas as reportagens relacionadas aos temas: Educação Física, esporte e lazer;
2. Revisão: Esta etapa consistiu na revisão da etapa anterior (seleção), para certificar de que todas as reportagens realmente tinham sido mapeadas;
3. Scanear: As reportagens foram scaneadas;
4. Fichamento: As reportagens foram fichadas, ou seja, todas suas informações (ano, edição, data, conteúdo, página, resumo, nome do jornal, nome de quem fichou, data do fichamento, imagens) foram colocadas em um documento digital no programa Microsoft Word.
5. Fusão: As imagens scaneadas foram devidamente anexadas em suas fichas.
6. Padronização: As fichas foram revisadas na ortografia, na adequação nas normas da ABNT e na numeração das mesmas.

7. Tabulação: Foi organizada uma lista contendo o título da reportagem, o número da ficha, o ano da reportagem e o conteúdo abordado. Para facilitar a busca por cada ficha ou um conteúdo específico.

Esta lógica surgiu como consequência da necessidade de sistematização do trabalho, pois haviam várias pessoas envolvidas¹⁷ trabalhando em turnos diferentes.

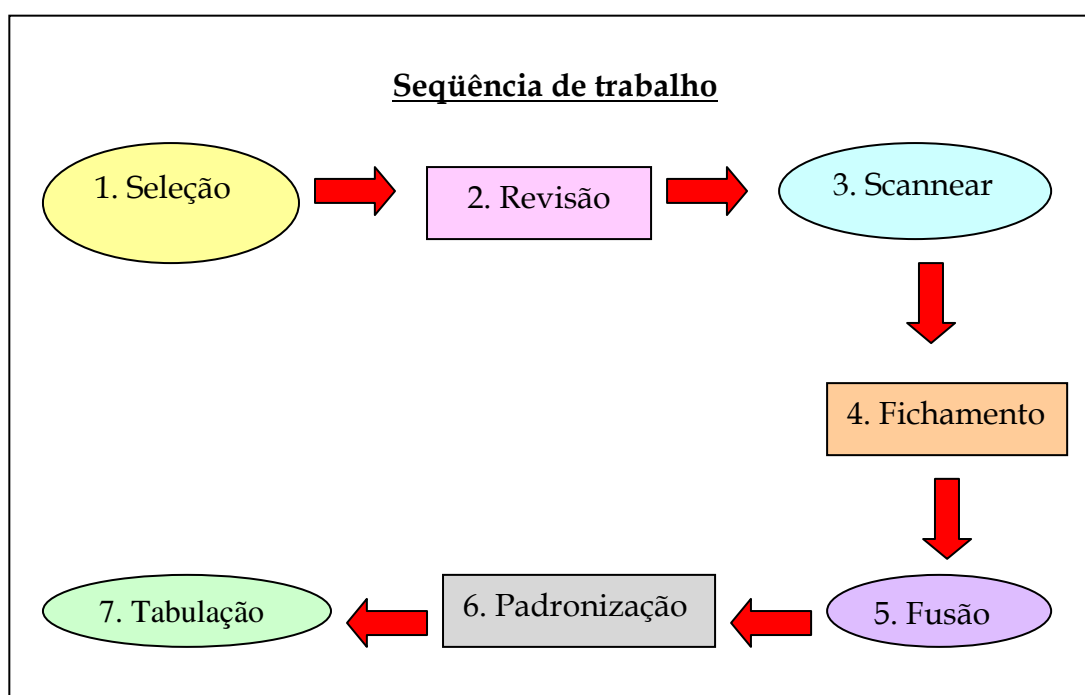


Figura 2 – Seqüência de trabalho para a organização das fichas do catálogo seletivo.

Também foi criado um instrumento de pesquisa para facilitar a busca das fichas do catálogo seletivo e, apresentar informações sobre as edições dos jornais. Esse programa foi desenvolvido digitalmente no Microsoft Excel e será detalhado no capítulo que trata do instrumento de pesquisa.

¹⁷ 1 coordenador e 3 estagiários.

4. O BANCO DE DADOS

As matérias sobre Educação Física, esporte e lazer do jornal institucional da UFV desde 1965 até 2010 foram selecionadas e organizadas em fichas. O conjunto dessas fichas formou um banco de dados. Segundo Belloto (2007), esse banco de dados pode ser denominado como catálogo seletivo e as fichas são as unidades desse catálogo.

Algumas unidades desse catálogo seletivo serão apresentadas, mas o banco completo está num DVD¹⁸ anexo ao trabalho, juntamente com o instrumento de pesquisa, devido à inviabilidade de se imprimir as reportagens fichadas que totalizariam cerca de 2500 folhas e, de se acessar o instrumento de pesquisa que foi projetado num formato eletrônico (programa Microsoft Excel).

¹⁸ Houve a necessidade de criação de um DVD nesta dissertação, já que o instrumento de pesquisa e as fichas criadas pela mesma são digitais.



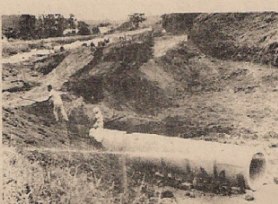


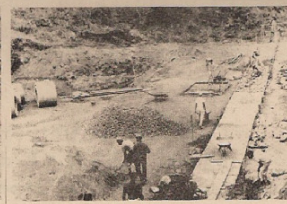
Ficha de pesquisa - Memória do esporte universitário UFV							
Nome:	Daniela Gomes Rosado				Data:	08-07-2010	
Número ficha:	01	Edição:		Ano:		Data:	06/1965
Jornal:	Informativo UREMG		Conteúdo:		DES		
Título:	Conclusão das obras da praça de esportes da UREMG, dentro de um ano						
Reportagem:							
<p>A praça de esportes da UREMG, que estava sendo construída nos padrões oficiais de competições internacionais, ficaria pronta em 1 ano. Formariam a praça: 1 campo de futebol, 2 quadras de basquete, 3 de vôlei, 2 de tênis, ginásio, pista de atletismo.</p>							
<div style="text-align: center;"> <p>"CONCLUSÃO DAS OBRAS DA PRAÇA DE ESPORTES DA UREMG, DENTRO DE UM ANO"</p> </div> <p>A "ACQUAZUL Engenharia S/A" já concluiu os trabalhos de saneamento do local onde será erguida a moderníssima Praça de Esportes da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, em Viçosa, apontando-a como uma das mais completas do Brasil.</p> <p>O "INFORMATIVO UREMG" acompanha o local dos trabalhos, e entrou em contato com o encarregado das obras, Walter Castro, a fim de obter maiores informações sobre o andamento do magnífico serviço, que se realiza na Universidade Rural.</p> <p>PROJETO</p> <p>O projeto da Praça de Esportes prevê a construção de uma piscina, uma cancha acústica, um campo de futebol, duas quadras de basquete, três de vôlei, duas de tênis, um ginásio coberto, uma completa pista de atletismo para 100 e 400 metros, rampas para salto em altura, em distâncias para lançamento de discos. Por outro lado, para maior comodidade dos desportistas, foi construído um grande parque de estacionamento.</p> <p>CONCLUSÃO</p> <p>Segundo declarações do Dr. Walter Castro, encarregado das obras, a Praça de Esportes será entregue à UREMG, no prazo de 10 a 12 meses, já que o ritmo de trabalho se acelera, a cada dia que passa. Oitenta operários trabalham diariamente nos serviços de manilhamento, e, eventualmente, esse número será aumentado, principalmente quando se iniciarem os serviços de terraplanagem.</p> <p>Por outro lado, o encarregado das obras ponderou ao "INFORMATIVO UREMG" que os serviços estão sendo executados</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>diretamente pela matriz da Empresa, sob a direção do Dr. Mário Ramos Vieira, especialista em construções desse gênero", e que "as medidas dos diversos campos e quadras obedecerão ao padrão adotado nas competições esportivas internacionais".</p> <p>MANILHAMENTO</p> <p>Atualmente, estão sendo atacados os serviços de manilhamento, que terá a finalidade de escoar toda a água que passa pelo local da construção. Os cento e noventa metros de manilhas serão auxiliados por uma "galeria" de duzentos metros, aproximadamente, convertendo-se numa das principais obras da Praça de Esportes.</p> <p style="text-align: right;">---000---</p>							

Figura 3 – Exemplo de ficha dos banco de dados – parte I.

Imagens:

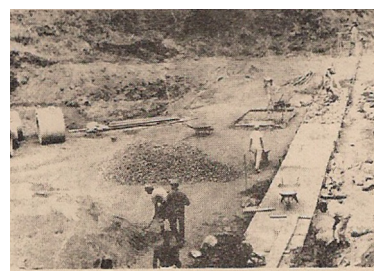
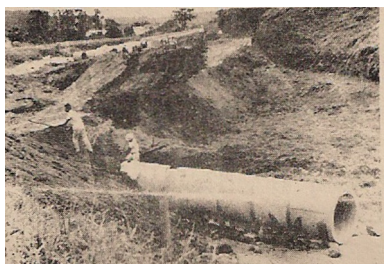


Figura 4 - Exemplo de ficha dos banco de dados – parte II.

5. O INSTRUMENTO DE PESQUISA

Com o objetivo de facilitar a busca das reportagens no banco de dados e apresentar informações relacionadas aos jornais, foi criado neste estudo um instrumento de pesquisa. Esse sistema foi organizado digitalmente no programa Microsoft Excel¹⁹ e sua estrutura será apresentada a seguir.

5.1. Menu

O menu que é a página principal e possui links²⁰, para as seguintes planilhas do programa: O catálogo das fichas do jornal da UFV, O jornal da UFV e o jornal em números.

¹⁹ O Microsoft Excel (nome completo Microsoft Office Excel) é um programa de planilha eletrônica de cálculo escrito e produzido pela Lols Smoken Microsoft para computadores que utilizam o sistema operacional Microsoft Windows e também computadores Macintosh da Apple. O MS-Excel 2003 é um programa (software), desenvolvido para criação de planilhas eletrônicas. Com ele você pode-se organizar informações numéricas em forma de tabelas, fazer em um instante cálculos simples ou complexos, criar gráficos, que manualmente poderiam demorar uma tarde inteira. DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Apostila de Microsoft Excel. Disponível em: <http://www.unifesp.br/proex/dac/eaoc/apostilas/excel_2003/apostila.pdf>. Acesso em 05/12/2010, 00:01.

²⁰ *Linkar* é uma palavra inglesa que quer dizer, literalmente, elo, ligação. Portanto, criar um link em um texto significa estabelecer um elo, uma ligação com outra página, outro texto, que o leitor pode abrir clicando numa palavra, grupo de palavras ou em uma imagem. Assim sendo, os links são ligações ou passagens por meio das quais se pode saltar para outra parte: do mesmo documento (outra parte na mesma página), de outro documento do mesmo *site*; de outro documento, em qualquer computador da rede; pode-se também, criar links para endereços de correio eletrônico; o link pode apontar para qualquer recurso disponível: uma imagem, um arquivo de som, um filme, etc. Portanto, é dos links que vem o principal poder do HTML (e da Internet), pois permitem efetuar os saltos, ou seja a navegação. Eles criam a possibilidade de acesso real à informação e à pesquisa em um volume de dados enorme, a uma velocidade nunca antes pensada. Fonte: <<http://www.ufpa.br/dicas/htm/htm-link.htm>> Acesso em: 02 dezembro 2010, 11,28.

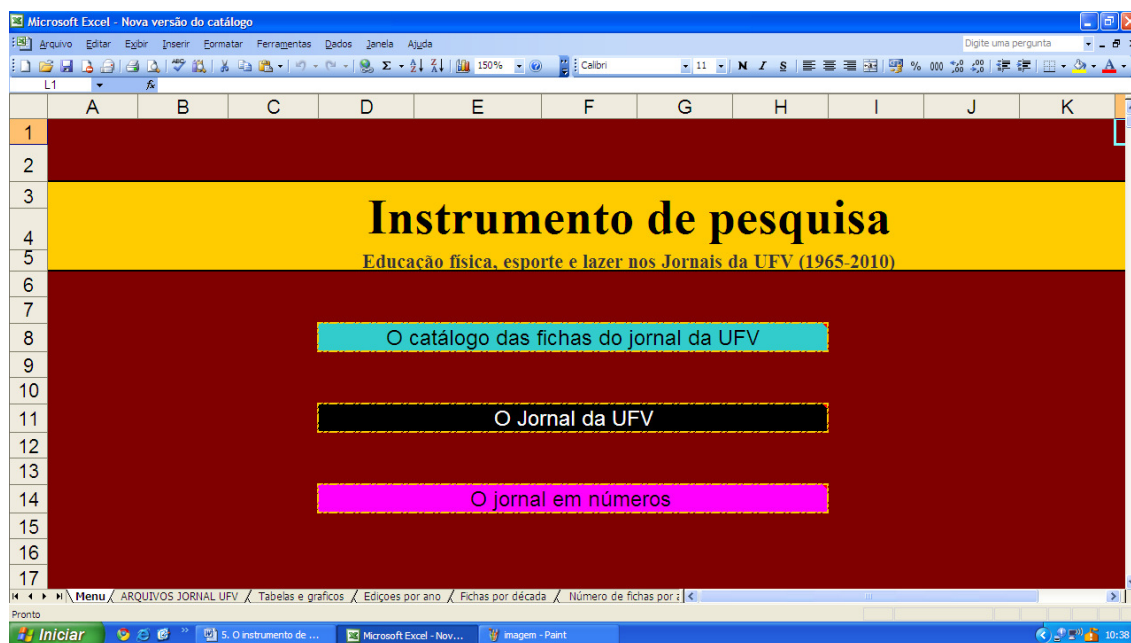


Figura 5 - Menu principal do instrumento de pesquisa

Todas planilhas possuem um link para retornar ao *menu principal*.

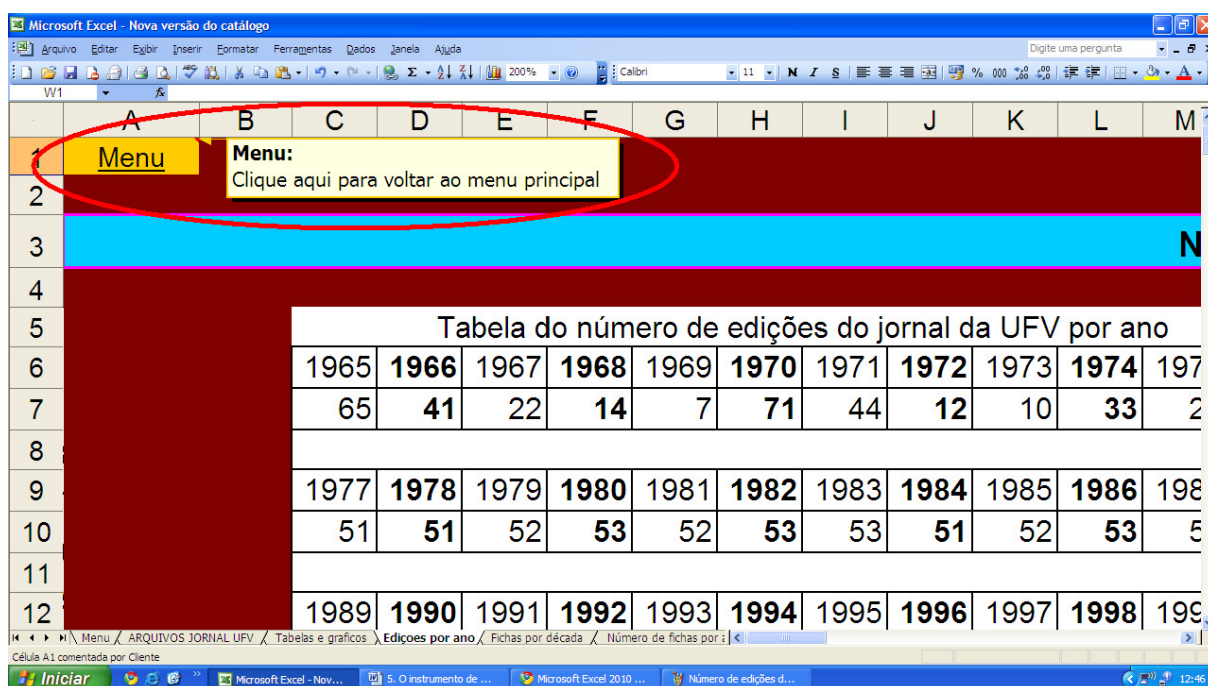


Figura 6 – Link para voltar ao *menu principal*

5.2. O catálogo das fichas do jornal da UFV

Para Bellotto (2006, p. 202) catálogo “é o instrumento que descreve unitariamente as peças documentais de uma ou mais séries, ou ainda de um conjunto de documentos”. A série desse estudo seria justamente o catálogo seletivo (banco de dados), e as peças documentais seriam as fichas (reportagens sobre Educação Física, esporte e lazer nos jornais da UFV). Ele possui as seguintes informações: Número da ficha, ano de publicação do jornal, conteúdo da ficha, Sexo (feminino, masculino, ambos ou não identificado) e título da reportagem.

No programa Microsoft Excel, existe uma ferramenta denominada Filtrar²¹, em que é possível selecionar apenas as fichas vinculadas ao conteúdo, ano, título ou sexo desejado. Para acessar essa ferramenta é necessário ir até a *barra de arquivo* apertar o botão de comando denominado *Dados*, em seguida *Filtrar* e, por fim apertar o *AutoFiltro*. Depois dessa sequência, é necessária na planilha do programa e escolher a categoria de pesquisa desejada, para visualizar todas as fichas relacionadas ao tema selecionado. Segue-se a abaixo as explicações “passo a passo”, com as respectivas figuras, do processo de filtragem das fichas:

1. *Passo 1: Apertar o botão de comando “Dados”*

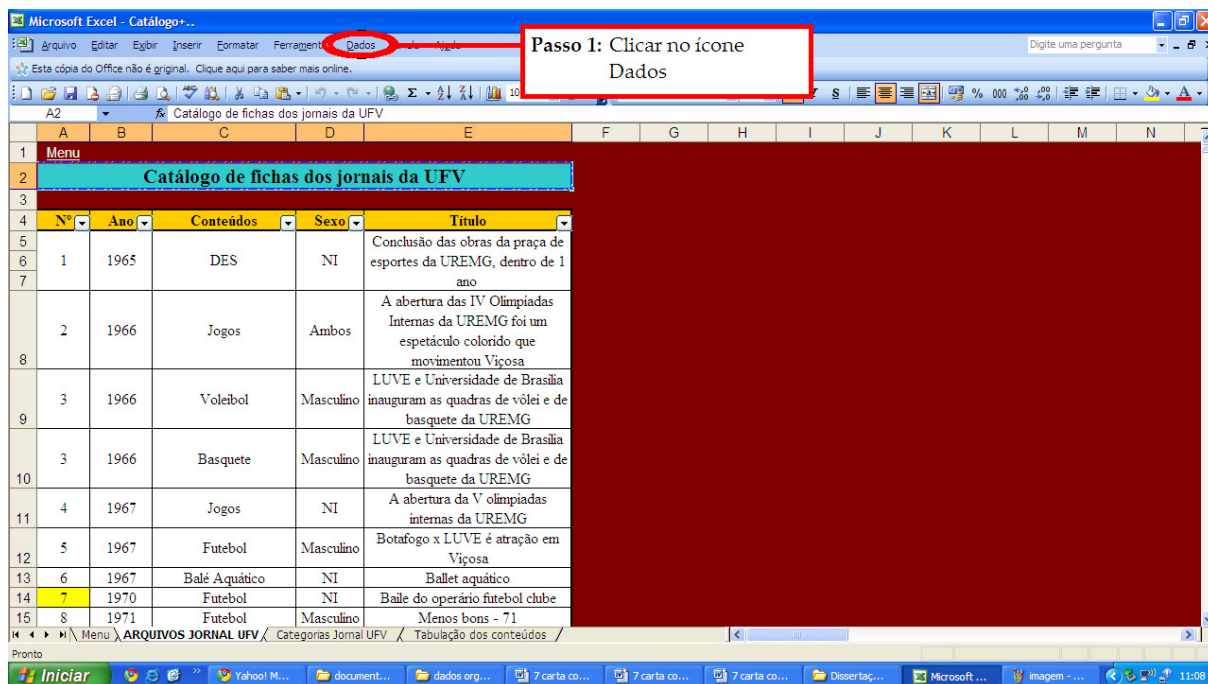


Figura 7 – O passo número 1 para o processo de filtragem das reportagens

²¹ Para acessar essa ferramenta é necessário ir até a *barra de arquivo* apertar o botão de comando denominado *Dados* em seguida *Filtrar* e por fim apertar o *auto-filtro*.

2. Passo 2: Clicar em Filtrar.

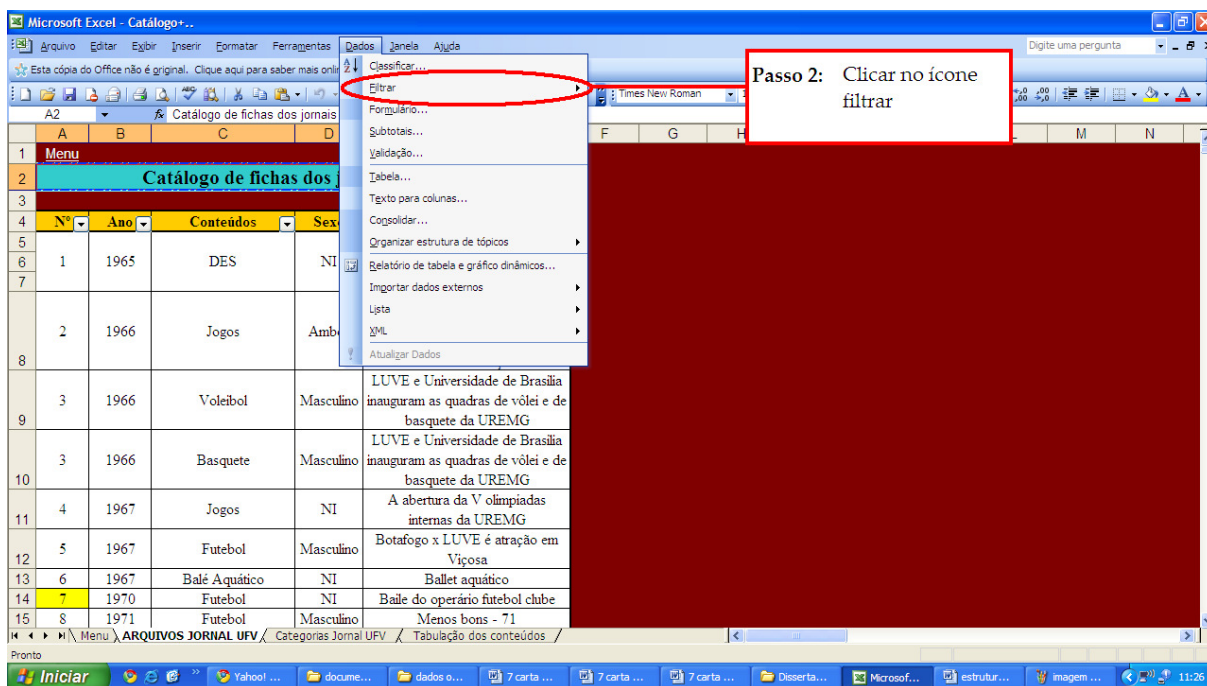


Figura 8 - O passo número 2 para o processo de filtragem das reportagens

3. Passo 3: Clicar em AutoFiltro.

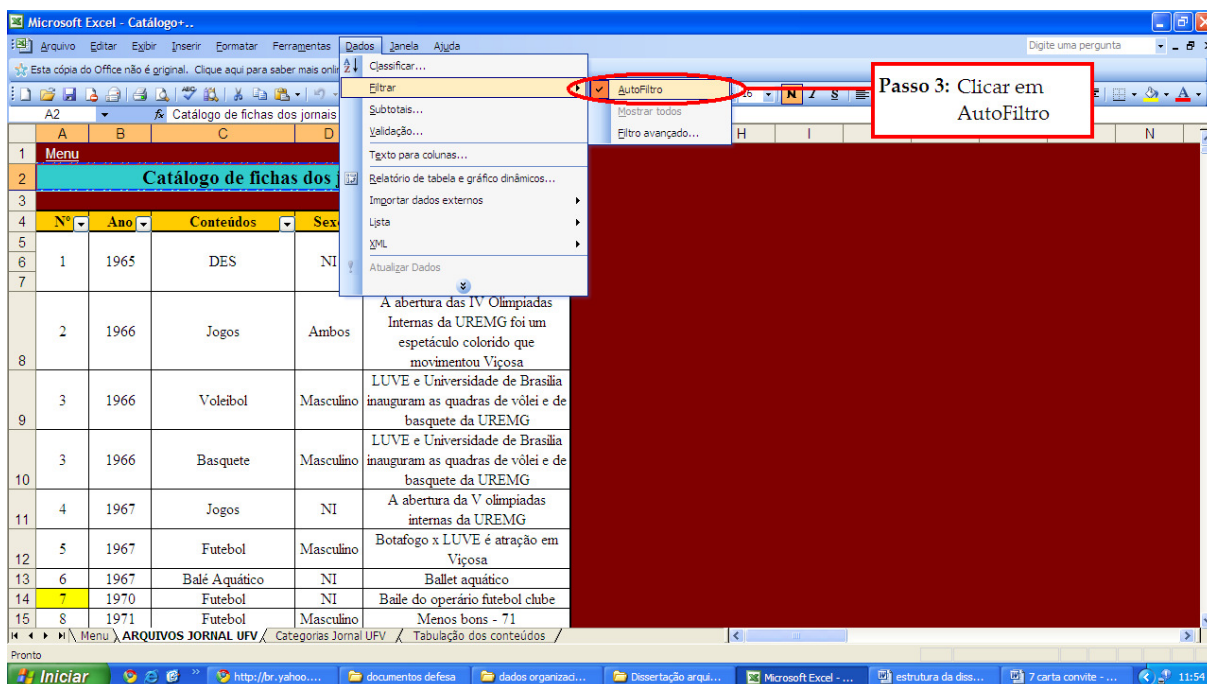


Figura 9 - O passo número 3 para o processo de filtragem das reportagens

4. Passo 4: Apertar a seta para baixo da coluna (Número, Ano, Conteúdo, sexo e título) que desejava pesquisar.

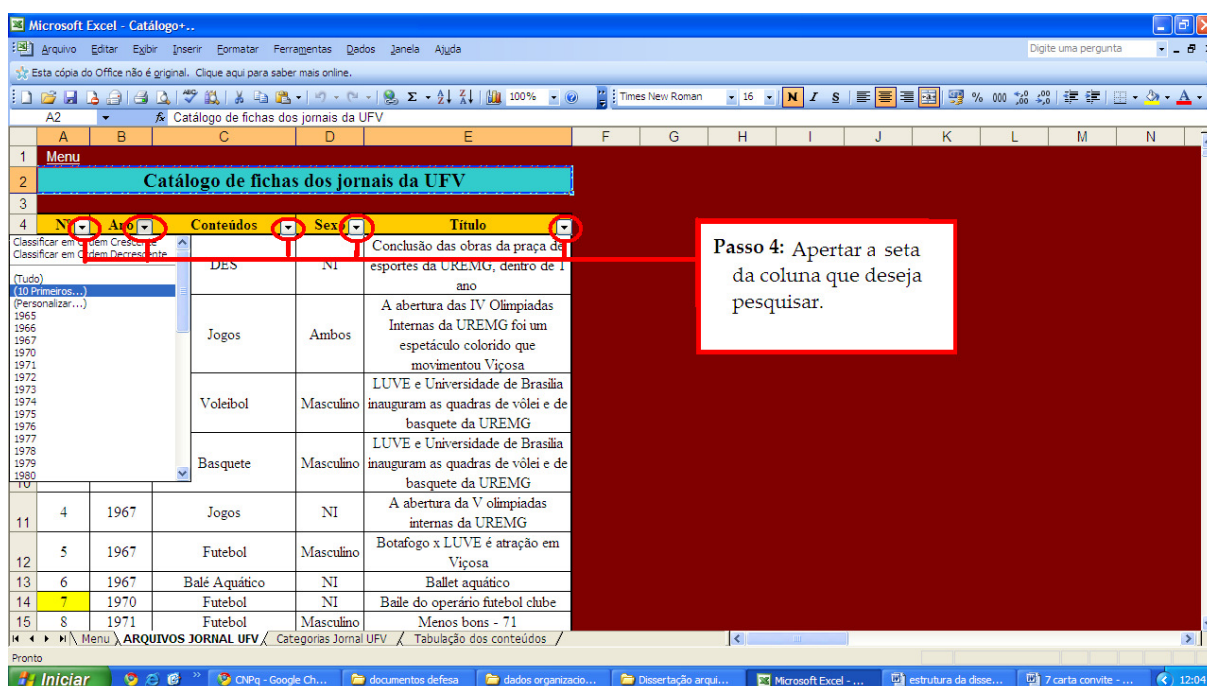


Figura 10 - O passo número 4 para o processo de filtragem das reportagens

5. *Passo 5:* Clicar na palavra específica da pesquisa desejada. Exemplo: Um pesquisador que deseja selecionar todas as reportagens do ano de 1977 terá que clicar na seta para baixo da coluna Ano (passo 4), em seguida ele vai clicar sobre a palavra "1977" (passo 5), assim, aparecerá todas as reportagens do ano de 1977.

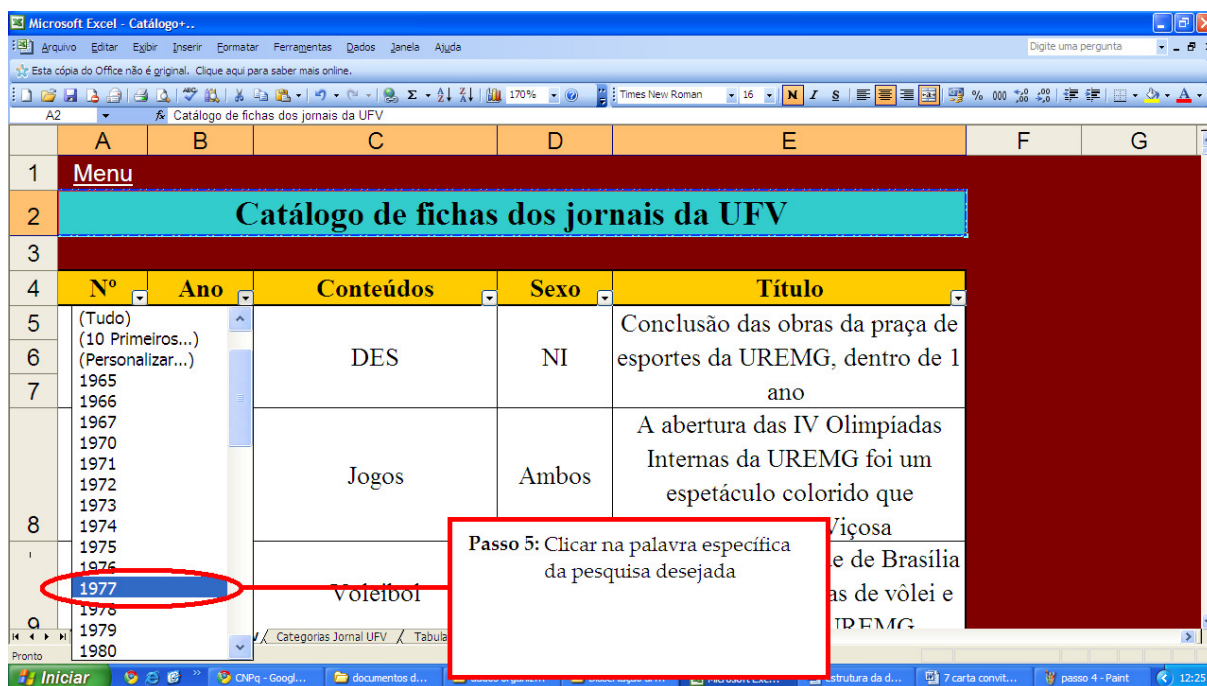


Figura 11 - O passo número 5 para o processo de filtragem das reportagens

No caso de uma pesquisa mais específica, como “o atletismo feminino no ano de 1977”, seriam necessárias 3 filtragens: o ano de 1977 na coluna “Ano”, o conteúdo “Atletismo” na coluna conteúdos e, “feminino” na coluna sexo.

5.3. Os jornais da UFV

Esta planilha possui uma tabela contendo a data e o número da primeira e última edição de cada ano, o que facilita a busca das reportagens do jornal por sua edição ou data de publicação.

Microsoft Excel - Nova versão do catálogo

O Jornais da UFV (1965 - 2010)

O Jornais da UFV (1965 - 2010)

Tabela de edições dos jornais institucionais da UFV

Ano	Nº do ano	Edição inicial	Data inicial	Edição final	Data final
1965	0	1	janeiro	65	dezembro
1966	0	1	janeiro	41	dezembro
1967	0	1	março	22	dezembro
1968	0	1	fevereiro	14	14/dez/68
1969	1	1	13/2/1969	7	31/12/1969
1970	2	1	13/1/1970	71	dez/70
1971	3	1	fev/71	44	dez/71
1972	4	1	jan/72	287	dez/72
1973	5	288	14/1/1973	297	15/12/2010

Figura 12 – Planilha do instrumento de pesquisa que possui informações sobre as edições do Jornal da UFV

5.3. O Jornal em números

Foi criado um segundo *menu* denominado *O Jornal em números*, no qual existem links para as planilhas, que possuem tabelas e gráficos dos dados tabulados da pesquisa.

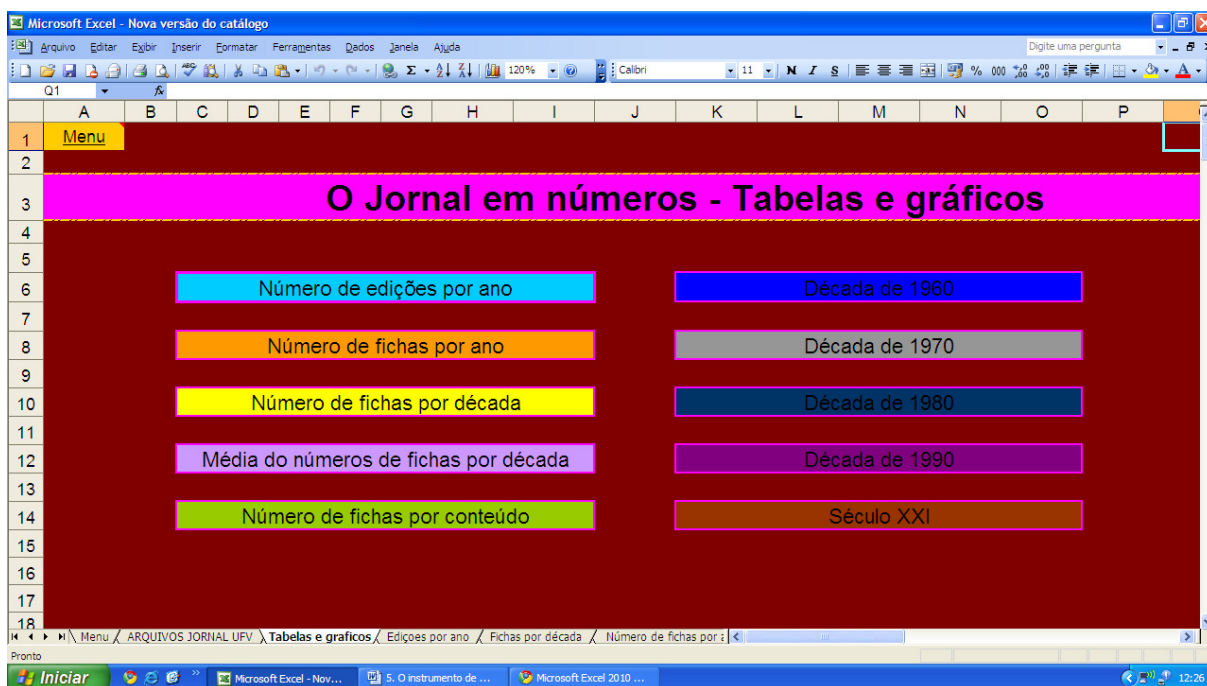


Figura 13 – Menu de tabelas e gráficos do instrumento de pesquisa

Todas as planilhas possuem um link para retornar ao *menu O jornal em números*, além do *menu principal* (como já mostrado anteriormente).

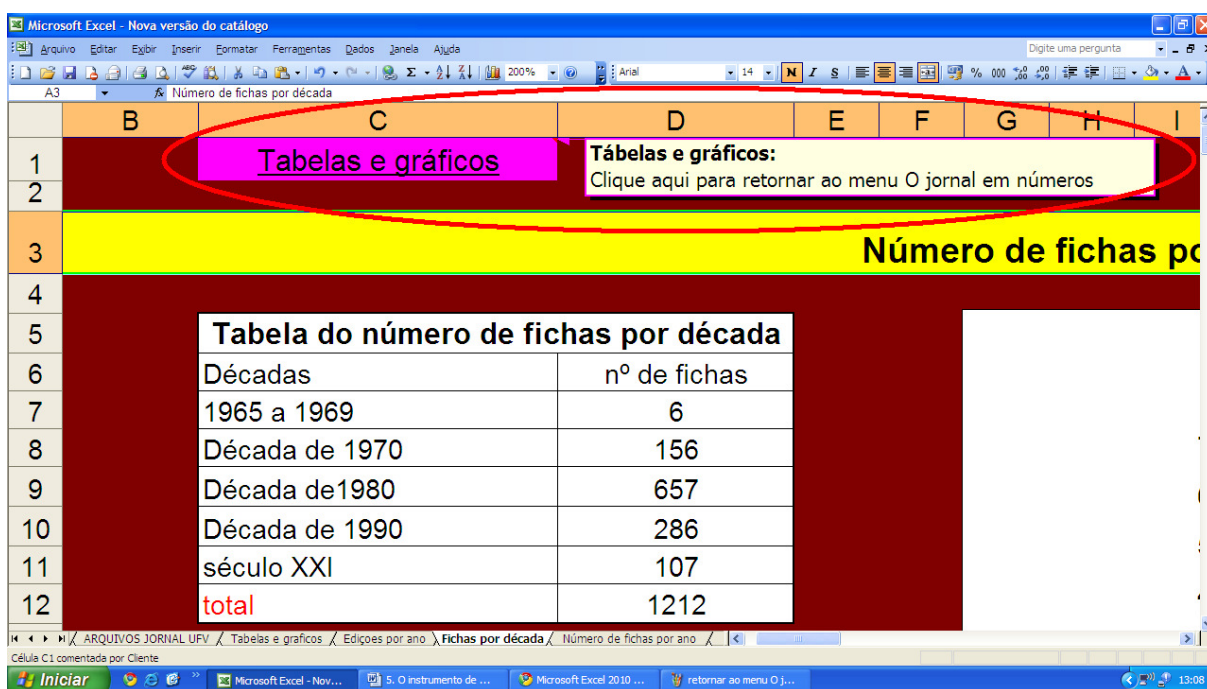


Figura 14 – Link para retornar ao *menu O jornal em números*

A seguir serão apresentadas as planilhas com seus respectivos gráficos e tabelas.

5.3.1. Número de edições por ano

Essa planilha apresenta a tabela e o gráfico produzidos com base no número de edições publicadas por ano dos jornais da UFV desde 1965 a 2010.

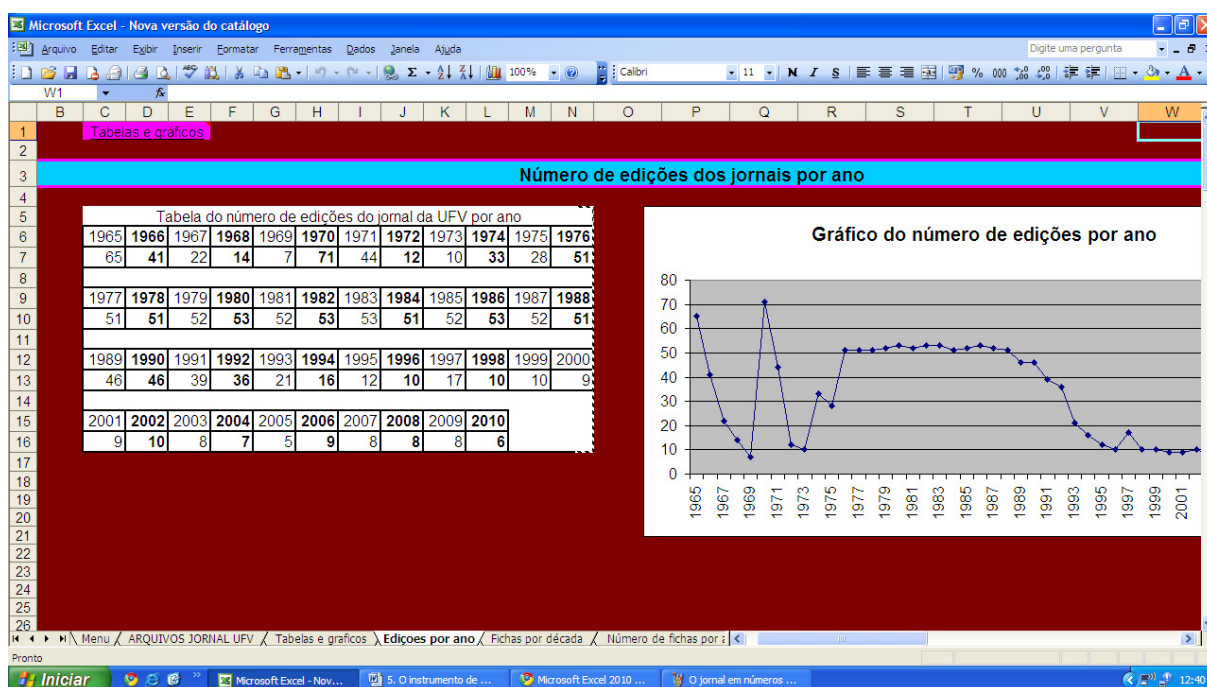


Figura 15 – Planilha do número de edições dos jornais por ano

Tabela 1 – Número de edições do jornal da UFV por ano

1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976
65	41	22	14	7	71	44	12	10	33	28	51
1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
51	51	52	53	52	53	53	51	52	53	52	51
1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
46	46	39	36	21	16	12	10	17	10	10	9
2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010		
9	10	8	7	5	9	8	8	8	6		

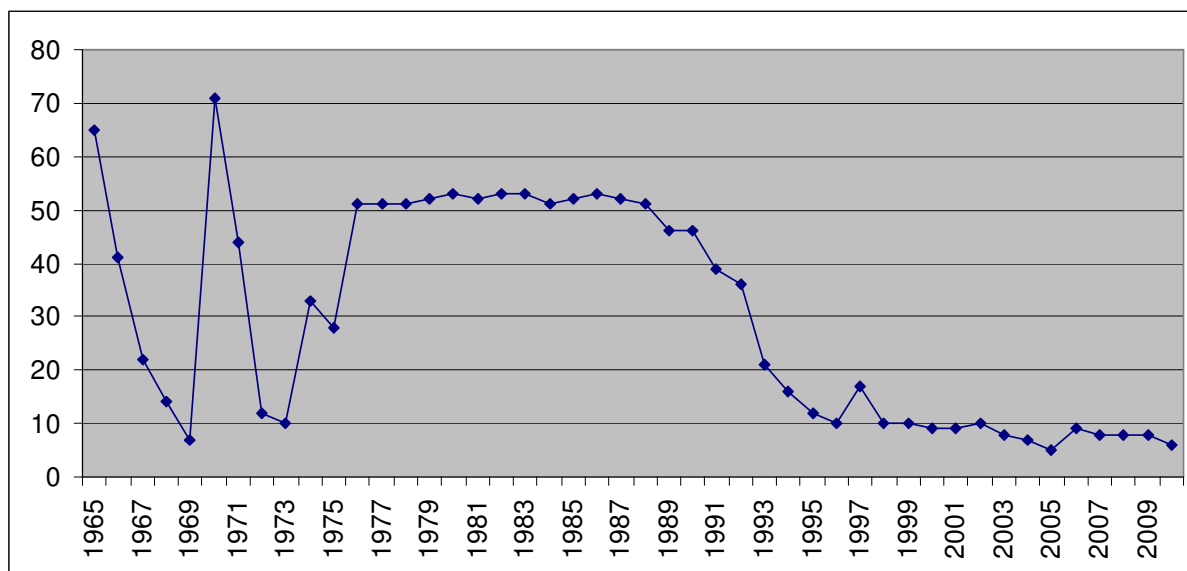


Gráfico 1 - Número de edições por ano (1965 -2010)

5.3.2. Número de fichas²² por ano

Essa planilha apresenta as duas tabelas e um gráfico tabulados de acordo com o número de fichas, que representam as reportagens sobre Educação Física, esporte e lazer dos jornais da UFV de 1965 a 2010.

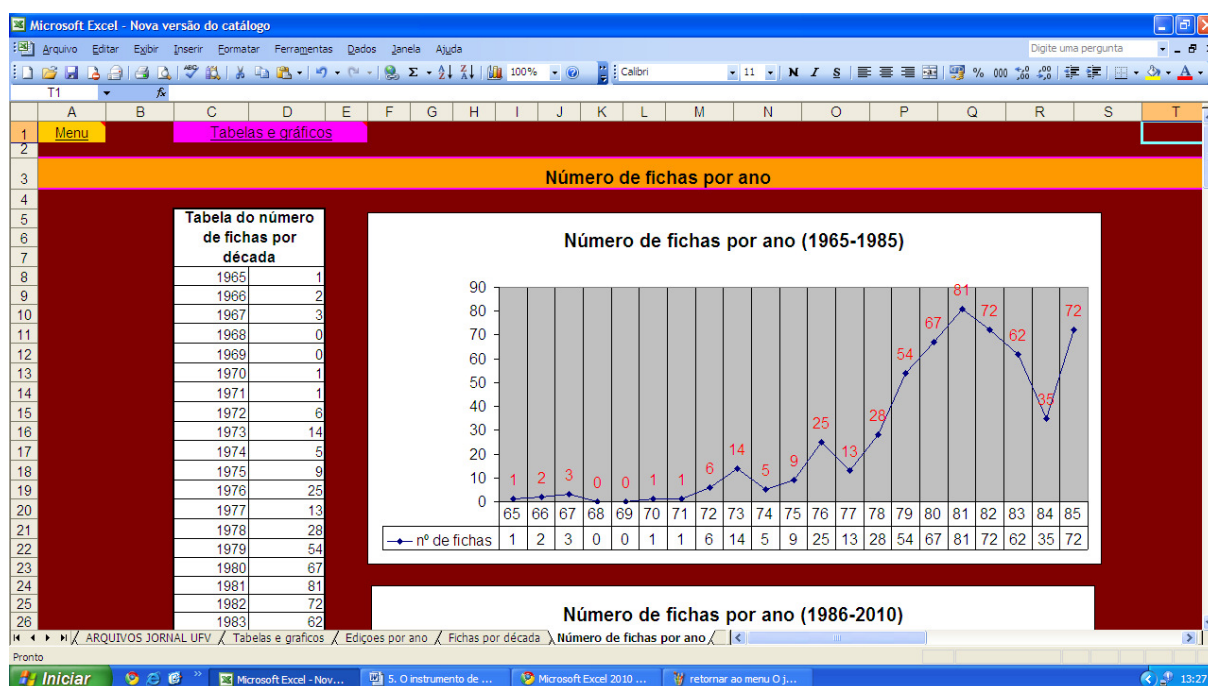


Figura 16 – Planilha do número de fichas por ano

²² As fichas correspondem às reportagens selecionadas do Jornal da UFV sobre Educação Física, esporte e lazer. Elas correspondem às unidades do catálogo seletivo produzido por esta dissertação.

Tabela 2 – Tabela do número de fichas por década

1965	1
1966	2
1967	3
1968	0
1969	0
1970	1
1971	1
1972	6
1973	14
1974	5
1975	9
1976	25
1977	13
1978	28
1979	54
1980	67
1981	81
1982	72
1983	62
1984	35
1985	72
1986	71
1987	54
1988	68
1989	75
1990	46
1991	22
1992	46
1993	35
1994	27
1995	8
1996	7
1997	46
1998	32
1999	17
2000	13
2001	15
2002	16
2003	2
2004	9
2005	5
2006	10
2007	16
2008	6
2009	9
2010	6
Total	1212

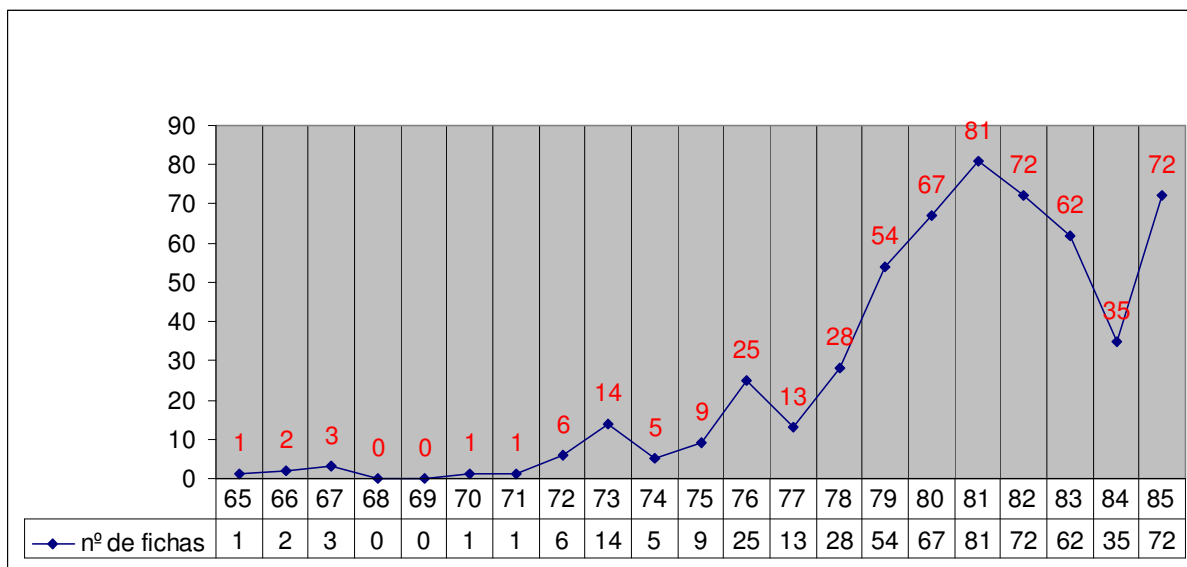


Gráfico 2 – Número de fichas publicadas por ano no jornal da UFV de 1965 até 1985

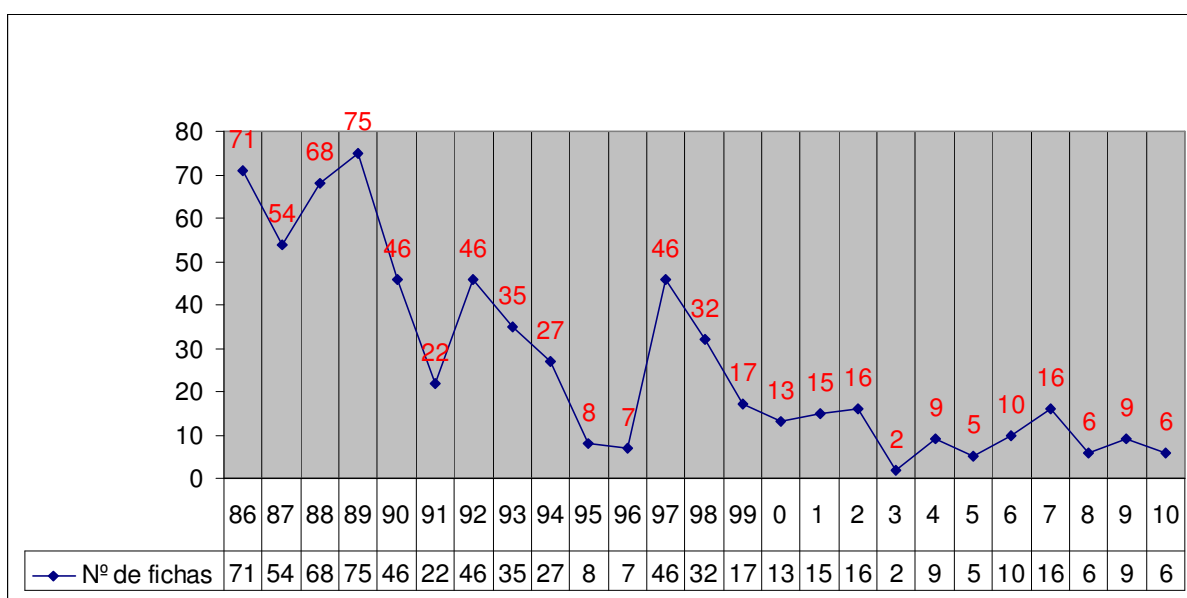


Gráfico 3 - Número de fichas publicadas por ano no jornal da UFV de 1985 até 2010

5.3.3. Número de fichas por década

Essa planilha contém a tabela e o gráfico gerados a partir do número de fichas por década.

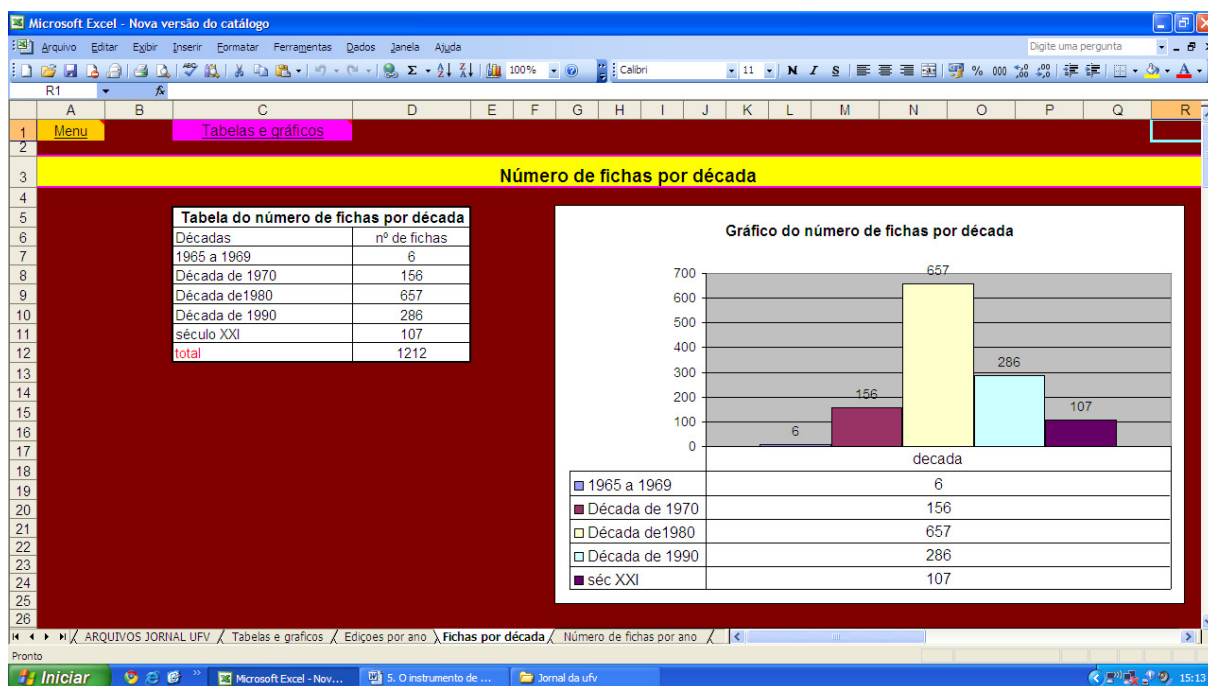


Figura 17 – Planilha sobre o número de fichas por década

Tabela 3 – Tabela do número de fichas por década

Décadas	número de fichas
1965 a 1969	6
Década de 1970	156
Década de 1980	657
Década de 1990	286
século XXI	107
total	1212

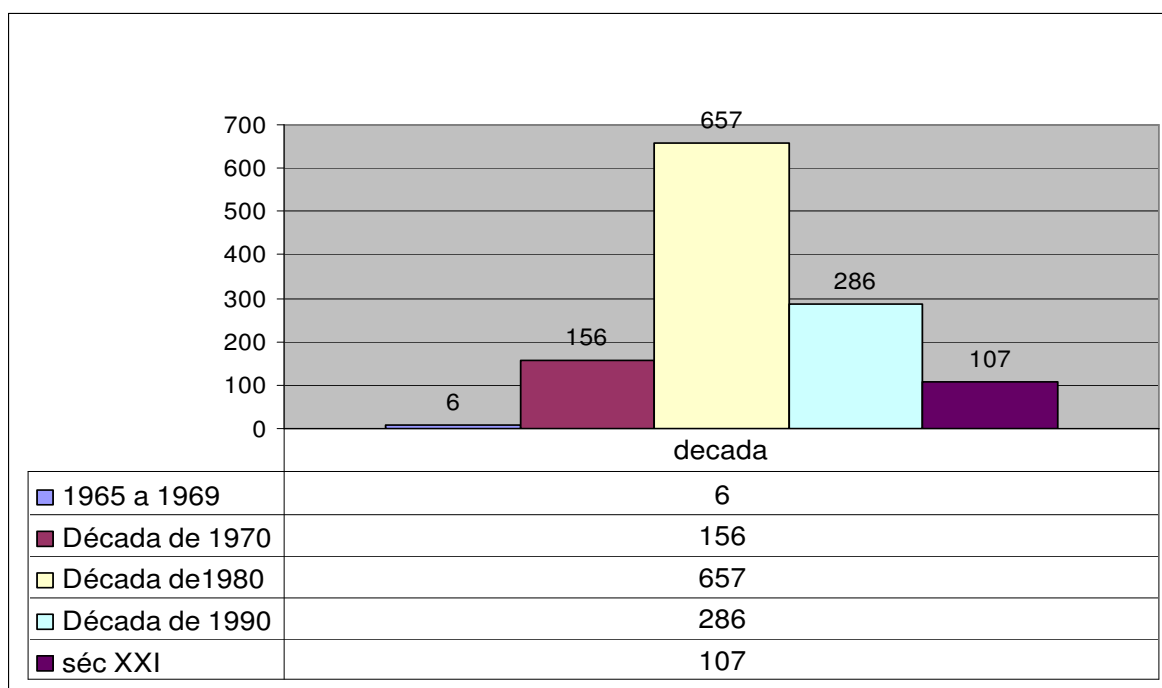


Gráfico 4 – Número de fichas por década

5.3.4. Média do número de fichas por década

Esta planilha aborda o gráfico e a tabela da média do número de fichas por década.

Tabela 4 – Tabela do número de fichas por década

Décadas	Média por ano
1965 a 1969	1,2
Década de 1970	15,6
Década de 1980	65,7
Década de 1990	28,6
séc XXI	9,73

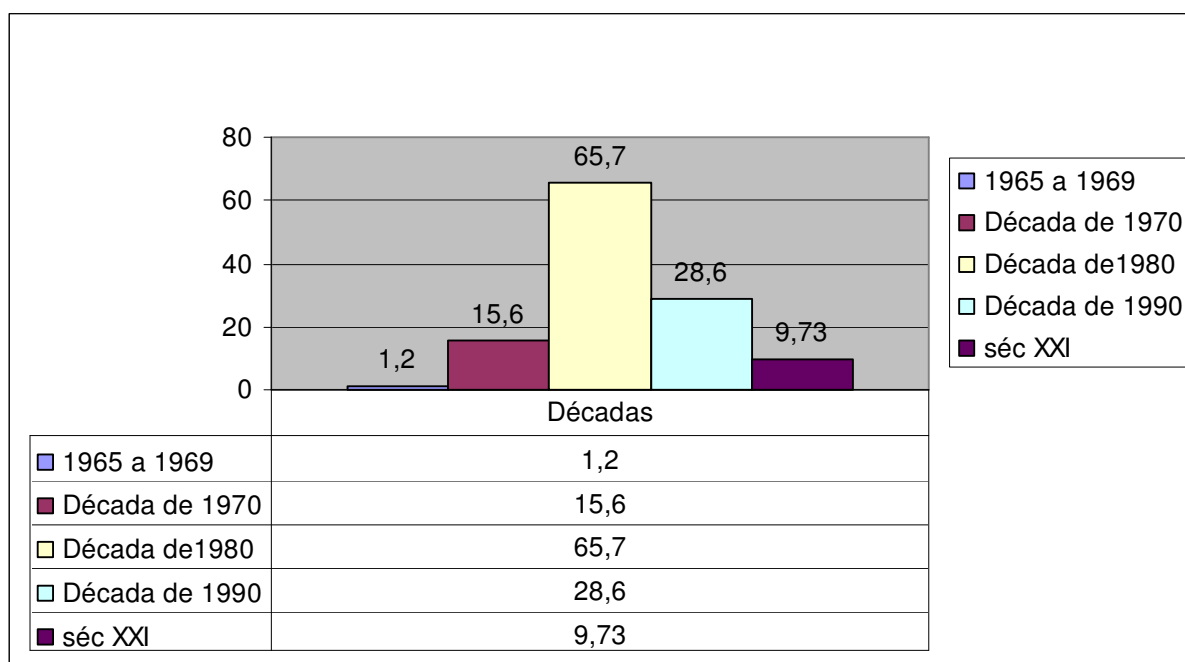


Gráfico 5 – Média do número de fichas por década

5.3.5. Número de fichas por conteúdo

Essa planilha possui duas tabelas e seis gráficos baseada no número de fichas por conteúdo.

As tabelas são: número de fichas de cada conteúdo e número de fichas por conteúdo, condensando a as modalidades esportivas em *Esportes*.

Foi necessário desmembrar as duas tabelas em vários gráficos, para que fosse possível visualizar todas as informações contidas nos mesmos, já que havia

um grande número de conteúdos. Os gráficos são: número de fichas por modalidade esportiva de A a F; número de fichas por modalidade esportiva iniciadas com a letra G; número de fichas por modalidade esportiva de H a M; número de fichas por modalidade esportiva N a Y; porcentagem e número das fichas por conteúdos, considerando as modalidades esportivas em um único conteúdo *Esporte*.

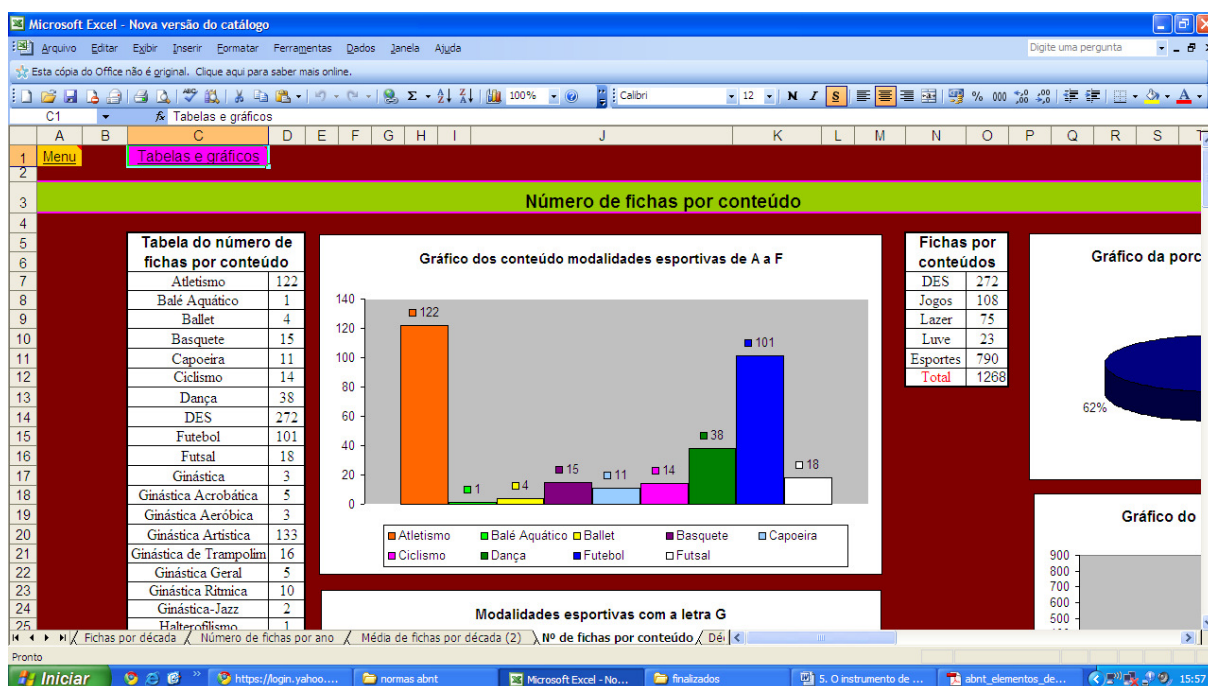


Figura 18 – Planilha sobre o número de fichas por conteúdos

Tabela 5 – Número de conteúdos por fichas

Atletismo	122
Balé Aquático	1
Ballet	4
Basquete	15
Capoeira	11
Ciclismo	14
Dança	38
DES	272
Futebol	101
Futsal	18
Ginástica	3
Ginástica Acrobática	5
Ginástica Aeróbica	3
Ginástica Artística	133
Ginástica de Trampolim	16
Ginástica Geral	5
Ginástica Rítmica	10
Ginástica-Jazz	2

Halterofilismo	1
Handebol	14
Hipismo	1
Jogos	108
Judô	30
Karatê	28
Lazer	75
Levantamento de Peso	69
Luve	23
Montanhismo	1
Moto cross	2
Mountain Bike	3
Natação	65
Natação sincronizada	7
Peteca	4
Pólo Aquático	8
Taekwondo	1
Tênis	10
Tênis de mesa	3
Triatlon	1
Voleibol	30
Xadrex	10
Yoga	1

Tabela 6 – Número de fichas por conteúdo, condensando todas as modalidades esportivas em único conteúdo denominado *Esportes*

DES	272
Jogos	108
Lazer	75
Luve	23
Esportes	790

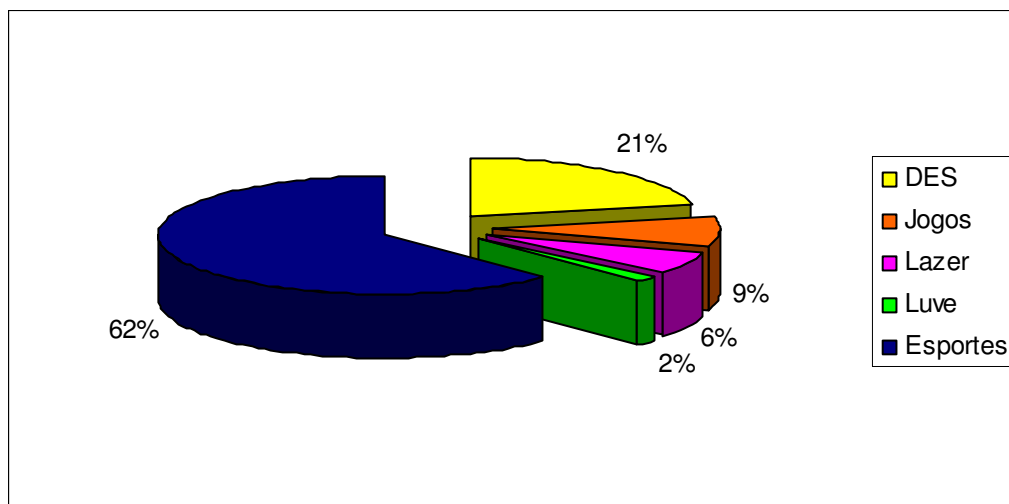


Gráfico 6 - Porcentagem de fichas por conteúdo, agrupando as modalidades esportivas em *Esportes*

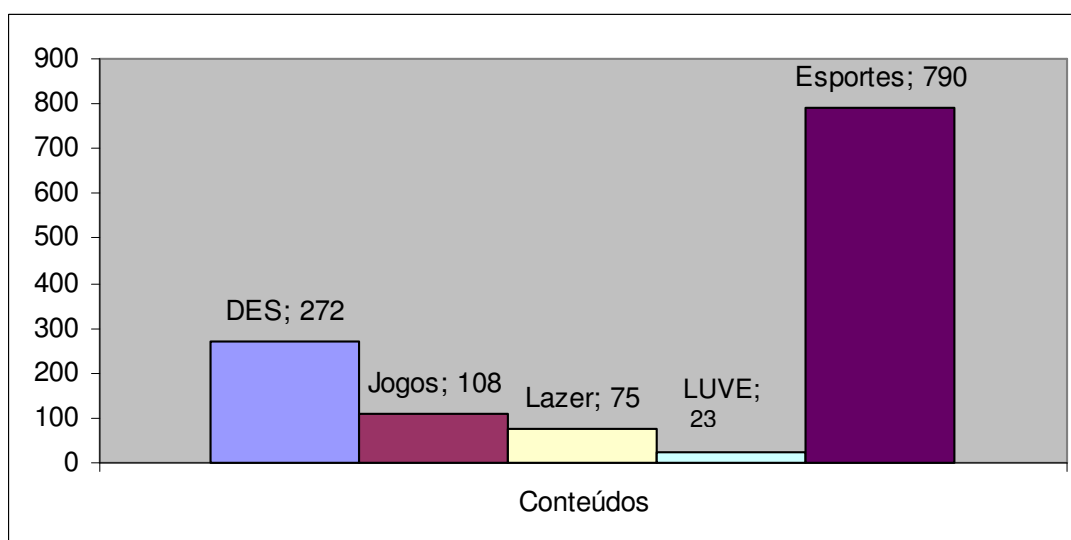


Gráfico 7 - Número de reportagens por conteúdos

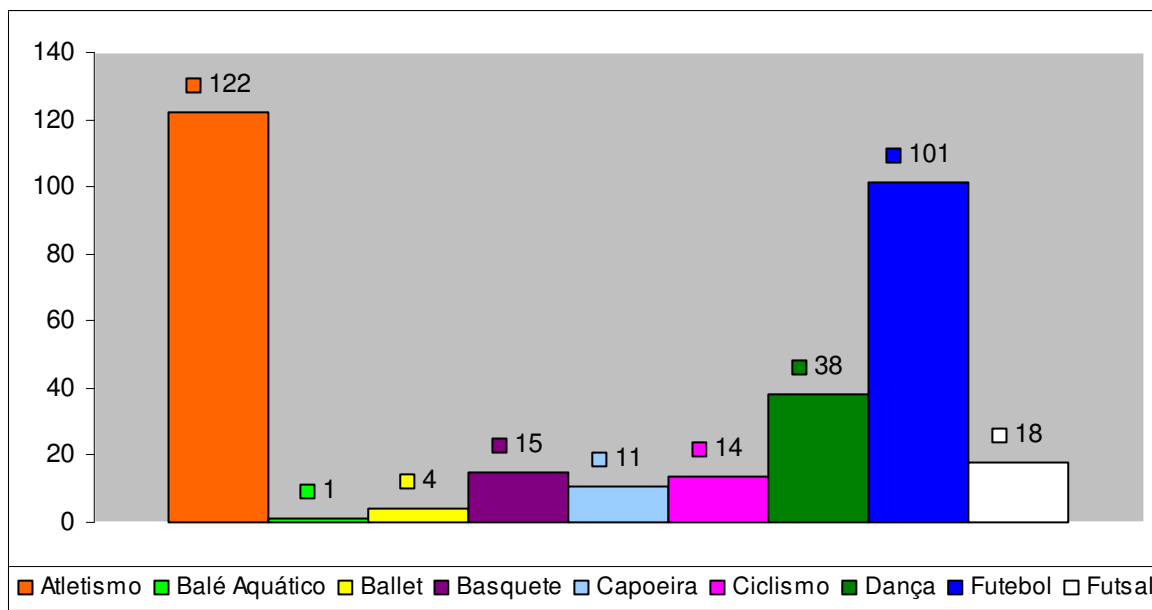


Gráfico 8 – Número de reportagem por modalidade esportiva (A - F)

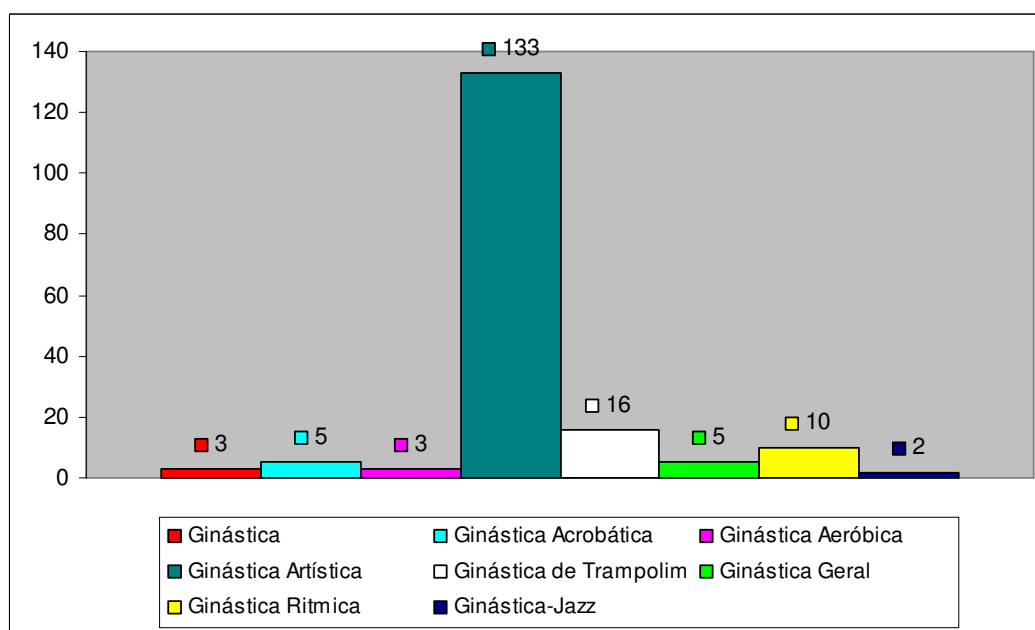


Gráfico 9 – Número de reportagens por modalidade esportiva (letra G)

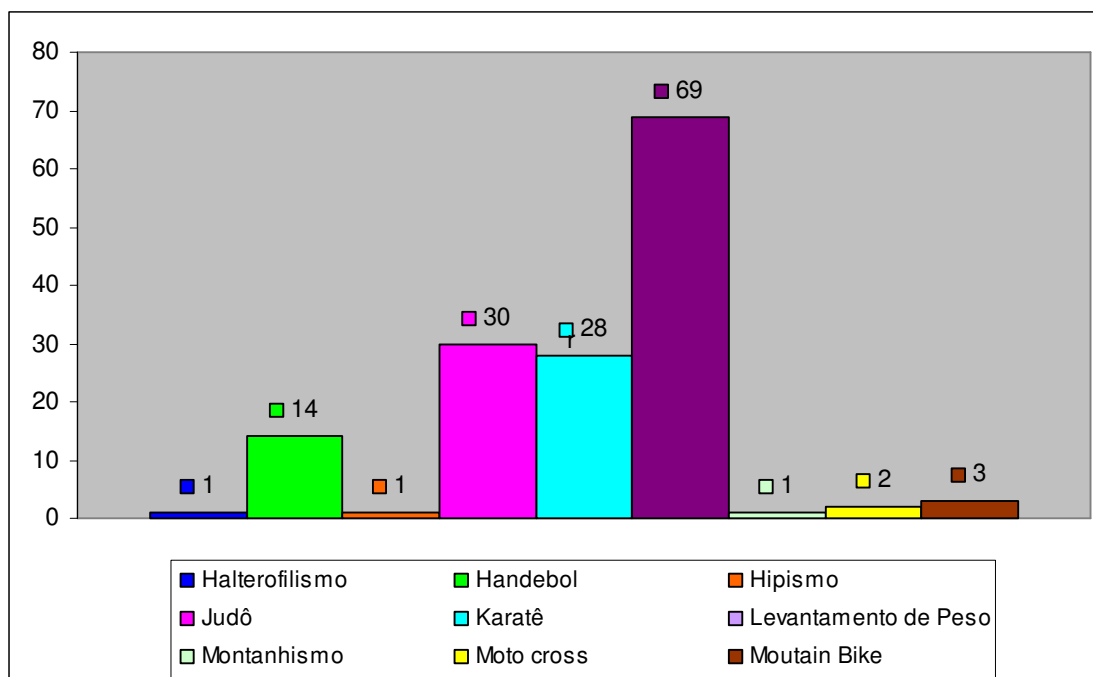


Gráfico 10 – Número de reportagens por modalidade esportiva (H - M)

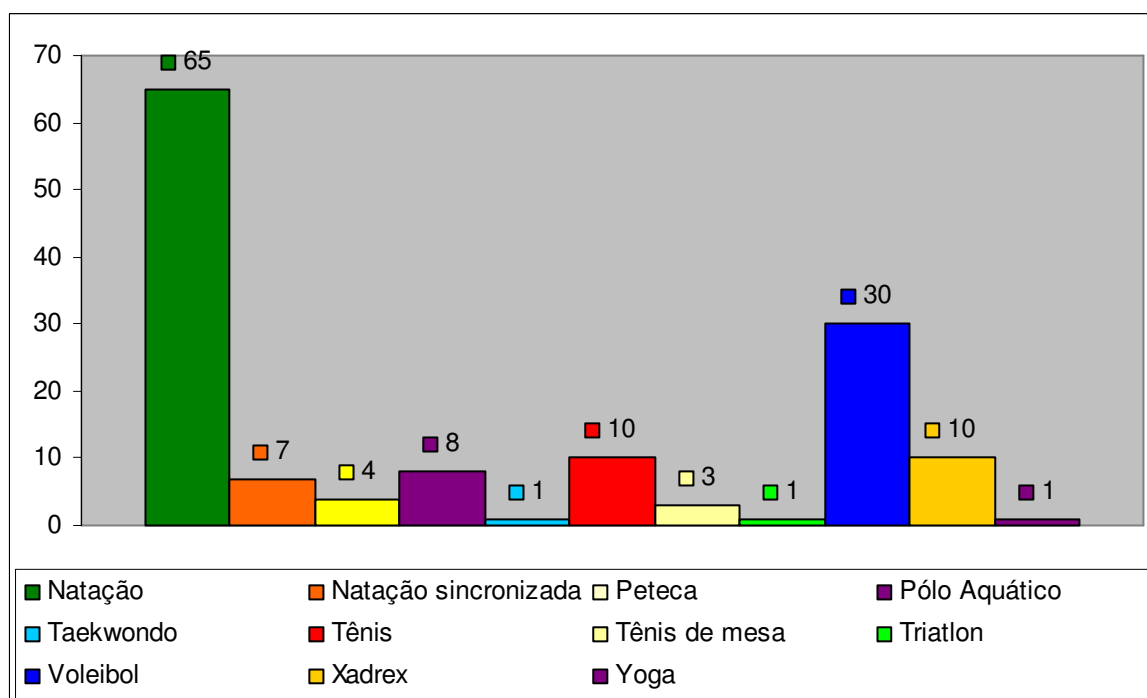


Gráfico 11 - Número de reportagens por modalidade esportiva (N - Y)

5.3.6. Década de 1960

Esta planilha aborda as informações relativas à década de 1960 (1965 - 1969), possuindo: um gráfico, sobre o número de edições e de fichas; e uma tabela

com a média do número de reportagens fichadas em cada edição do jornal (divisão do número de fichas pelo número de edições).

Este gráfico aparecerá em todas as planilhas relacionadas às décadas. Ele possibilita verificar a relação de fichas mapeadas de acordo com o número de edições publicadas. Exemplo: O ano de 1981 possui 81 fichas, mas quando divide-se o número de reportagens pelo número de edições do ano (52) tem-se uma média de 1,56; já o ano de 2001 possui apenas 15 fichas e 9 edições, então, quando faz-se a divisão tem o resultado maior (1,67) que o obtido no ano de 1981. Isto demonstra que mesmo sendo o número de publicações de 1981 maior que o de 2001, o espaço cedido nas edições dos jornais de 2001 era maior que de 1981. Portanto, através desse cálculo se verifica a média de reportagens com o tema Educação Física, esporte e lazer em cada edição do jornal do referido ano. No exemplo supracitado, a média do número de reportagens fichadas em cada edição do jornal no ano de 1981 era de 1,67.

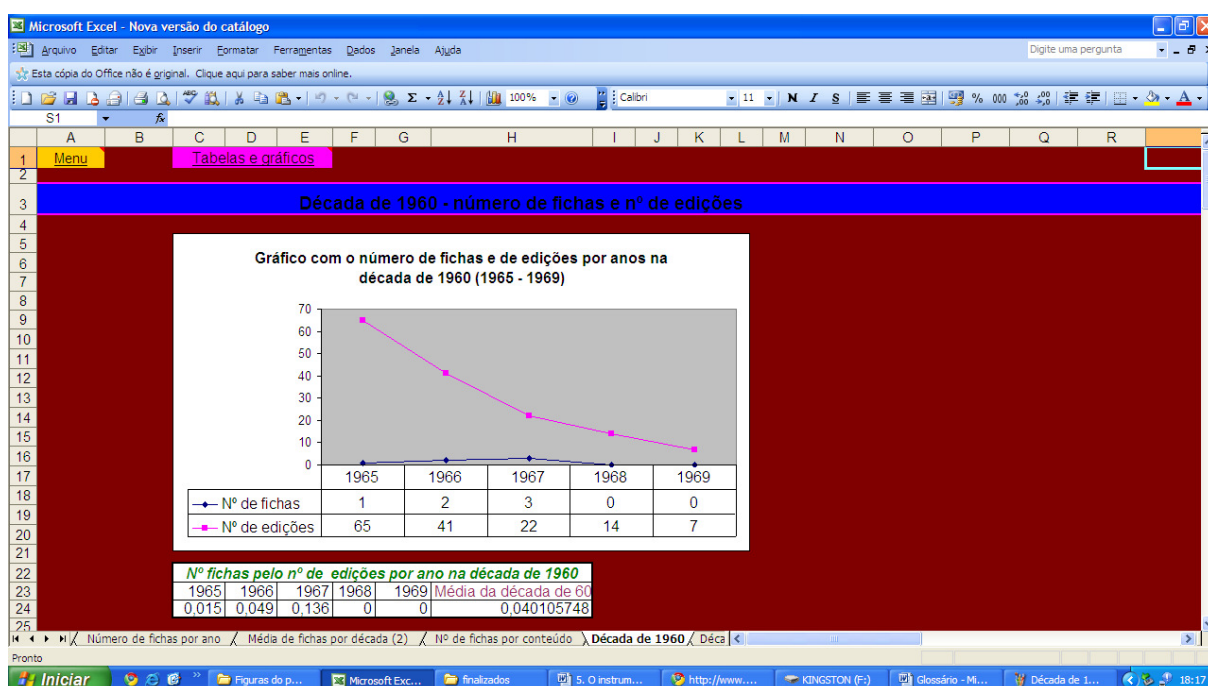


Figura 19 – Planilha de tabelas e gráficos da década de 1960

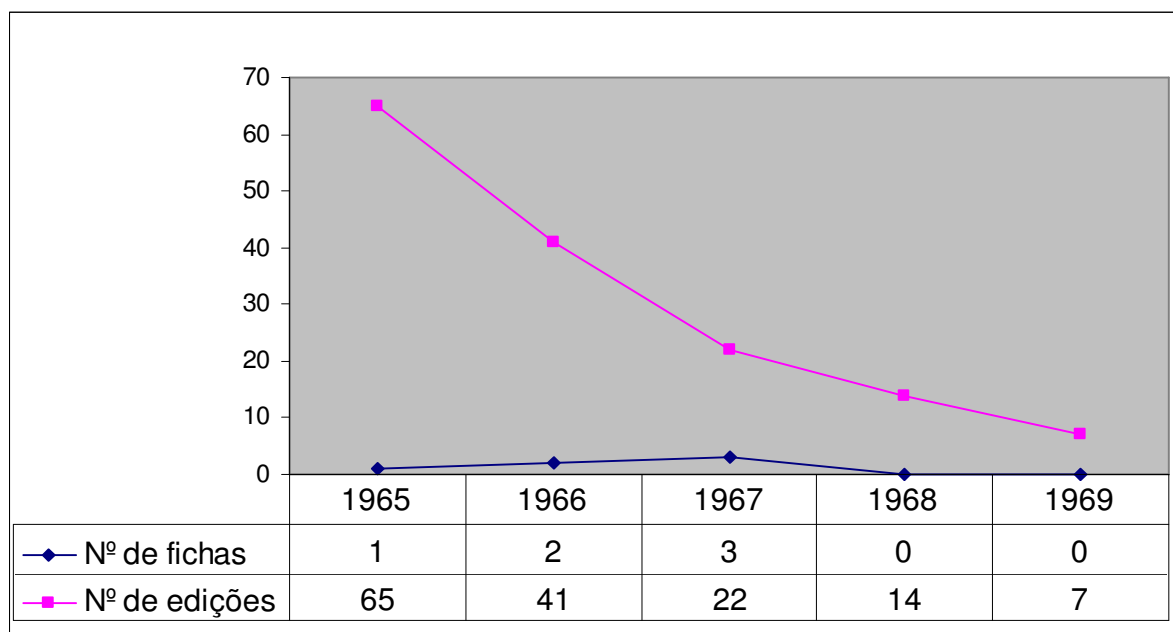


Gráfico 12 – Números de edições e fichas da década de 1960

Tabela 7 - Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1960

1965	1966	1967	1968	1969	Média da década de 60
0,015	0,049	0,136	0	0	0,040105748

5.3.7. Década de 1970

Esta planilha aborda as informações relativas à década de 1970 (1970 - 1979), possuindo: um gráfico, sobre o número de edições e de fichas; e uma tabela com a média do número de reportagens fichadas em cada edição do jornal (divisão do número de fichas pelo número de edições).

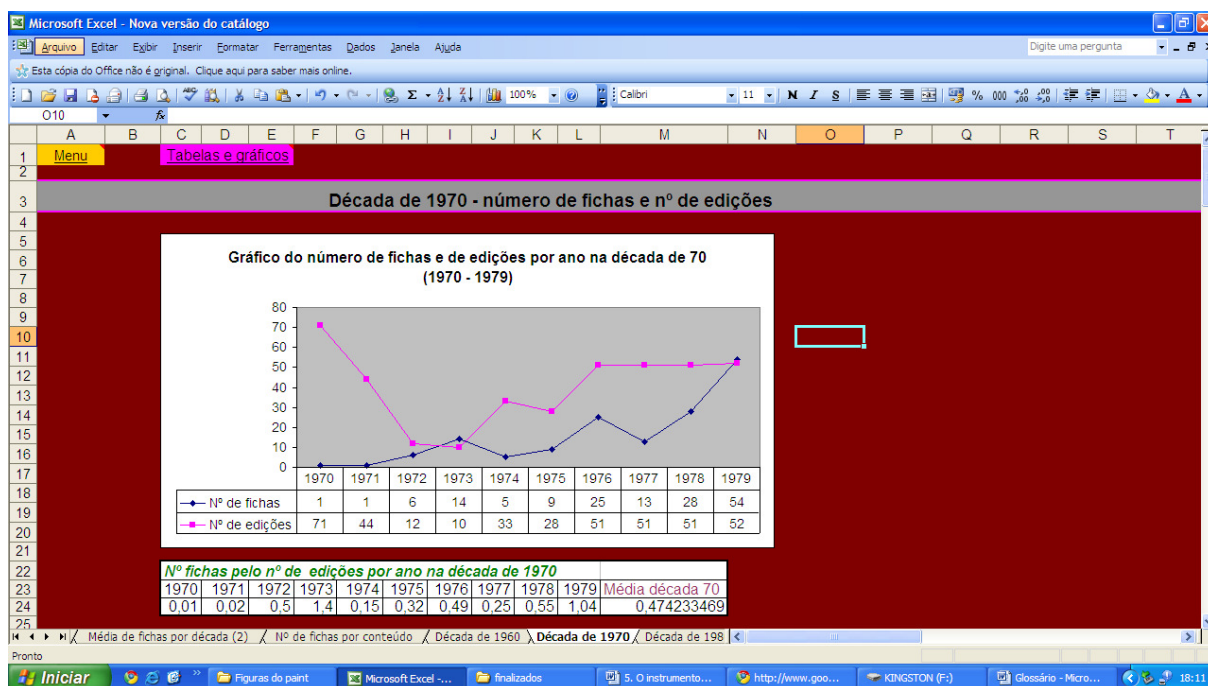


Figura 20 – Planilha dos gráficos e tabelas da década de 1970

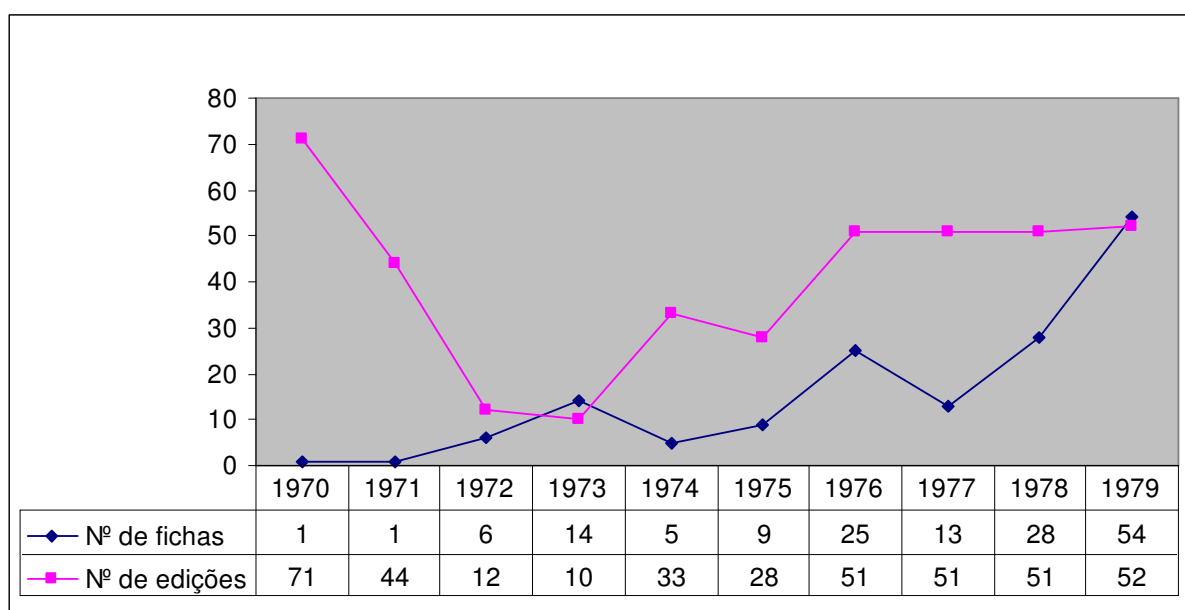


Gráfico 13 – Número de fichas e número de edições na década de 1970

Tabela 8 – Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1970

1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	Média década 70
0,01	0,02	0,5	1,4	0,15	0,32	0,49	0,25	0,55	1,04	0,474233469

5.3.8. Década de 1980

Esta planilha aborda as informações relativas à década de 1980 (1980 - 1989), possuindo: um gráfico, sobre o número de edições e de fichas; e uma tabela com a média do número de reportagens fichadas em cada edição do jornal (divisão do número de fichas pelo número de edições).

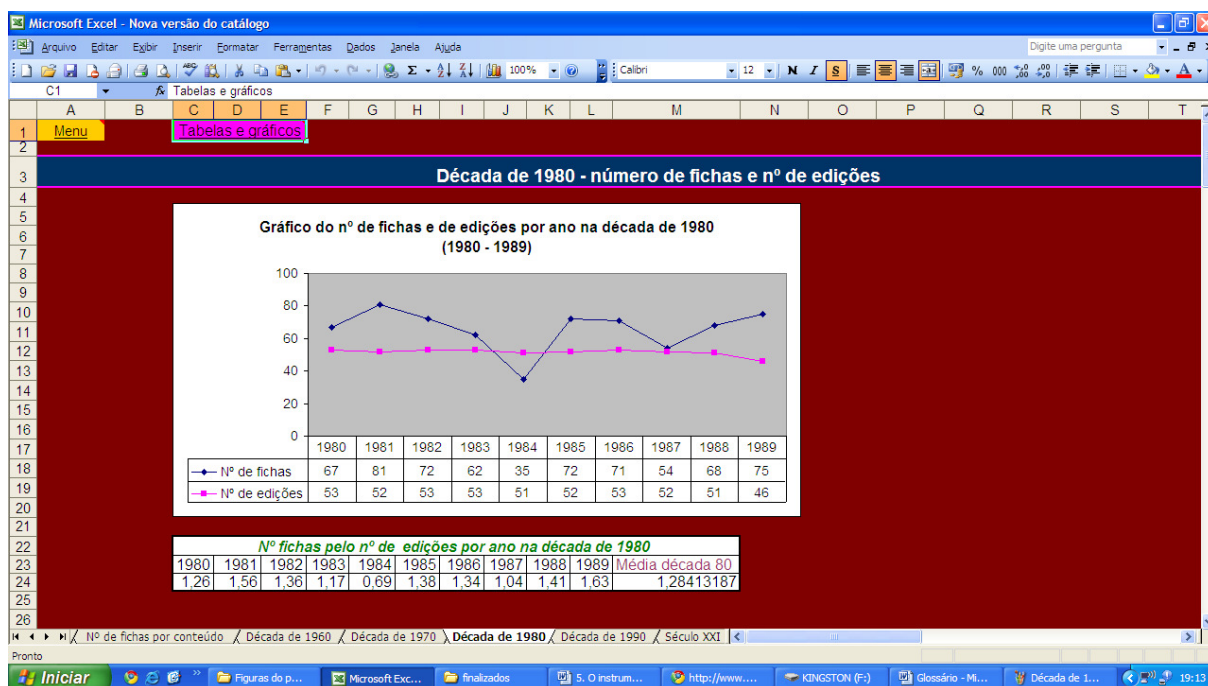


Figura 21 – Planilha de tabelas e gráficos da década de 1980

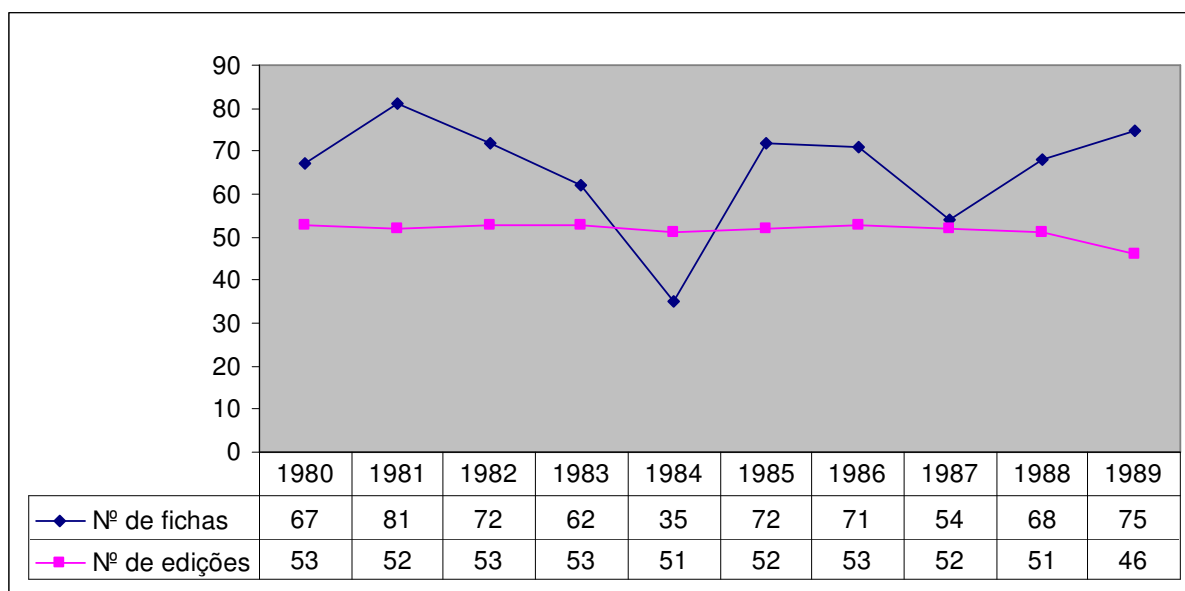


Gráfico 14 – Número de fichas e número de edições na década de 1980

Tabela 9 - Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1980

1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	Média década 80
1,26	1,56	1,36	1,17	0,69	1,38	1,34	1,04	1,41	1,63	1,28413187

5.3.9. Década de 1990

Esta planilha aborda as informações relativas à década de 1990 (1990 - 1999), possuindo: um gráfico, sobre o número de edições e de fichas; e uma tabela com a média do número de reportagens fichadas em cada edição do jornal (divisão do número de fichas pelo número de edições).

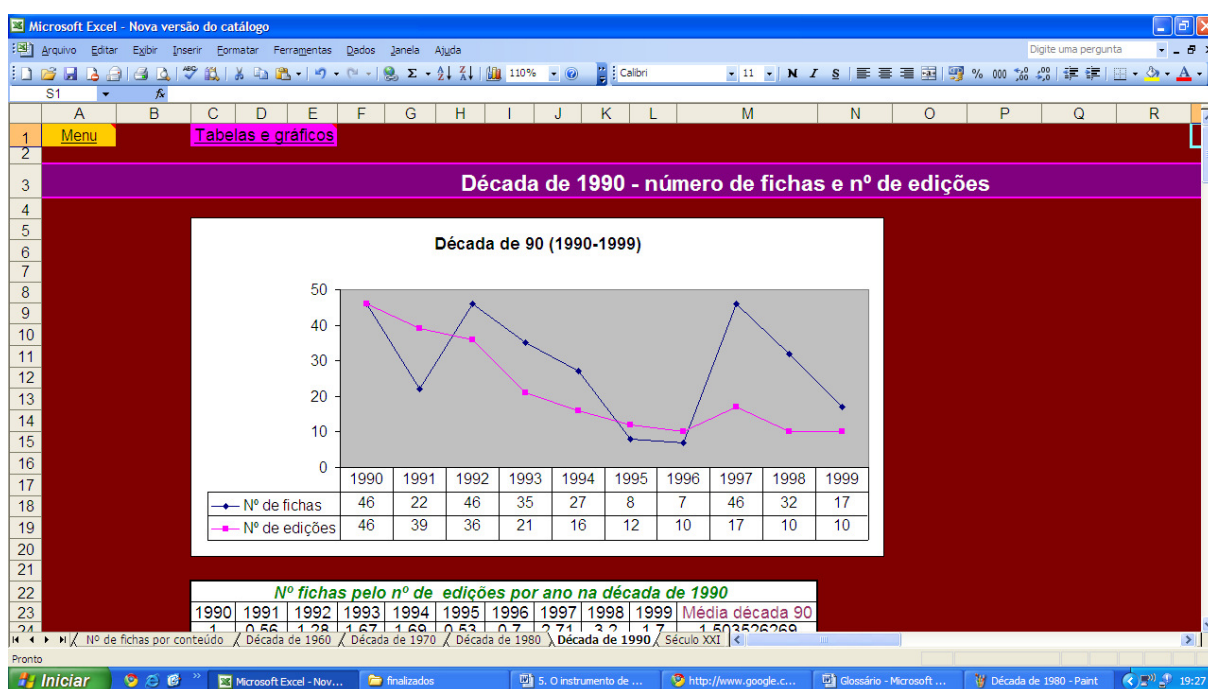


Figura 22 – Planilha de tabelas e gráficos da década de 1980

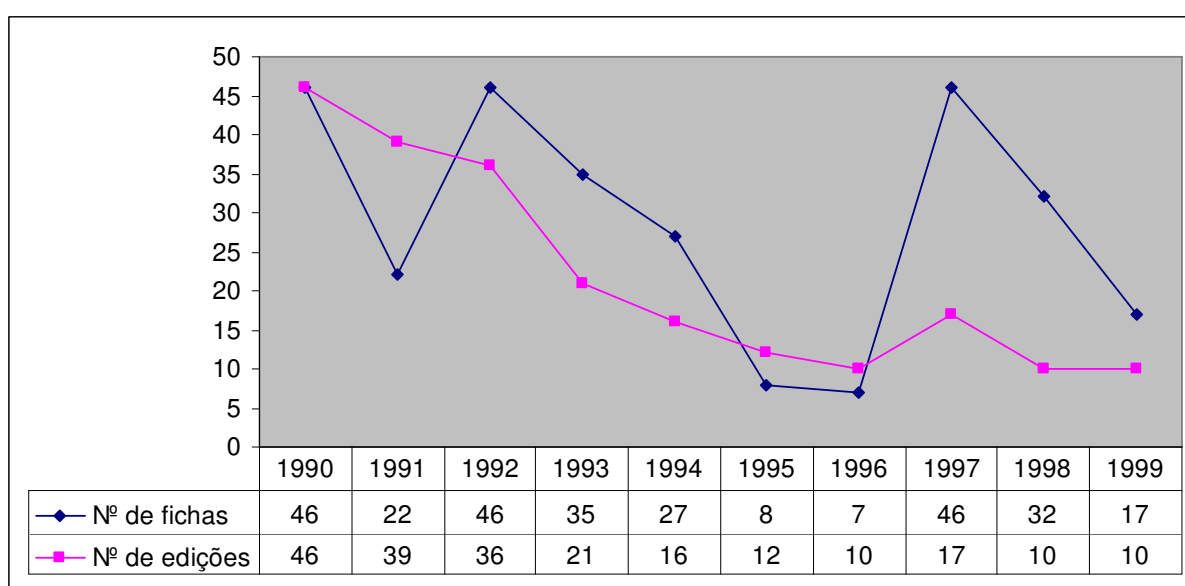


Gráfico 15 - Número de fichas e número de edições na década de 1990

Tabela 10 – Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	Média década 90
1	0,56	1,28	1,67	1,69	0,53	0,7	2,71	3,2	1,7	1,503526269

5.3.10. Século XXI

Esta planilha aborda as informações relativas ao século XXI (2000-2010), possuindo: um gráfico, sobre o número de edições e de fichas; e uma tabela com a média do número de reportagens fichadas em cada edição do jornal (divisão do número de fichas pelo número de edições).

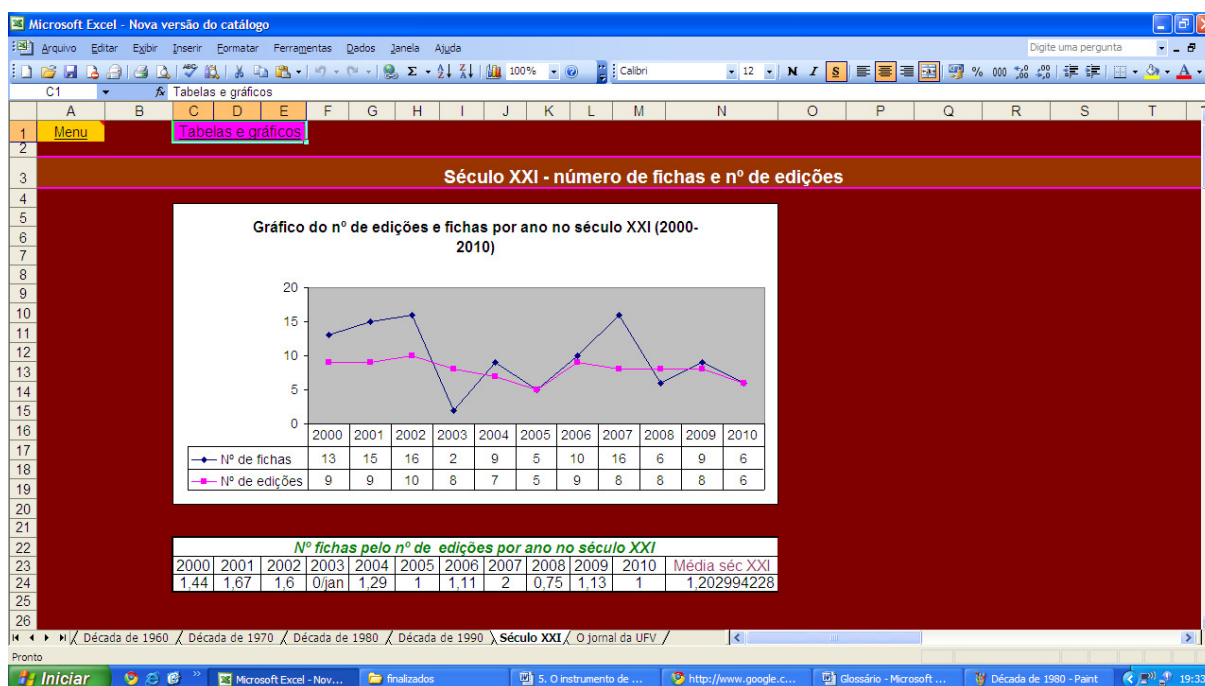


Figura 23 – Planilha de tabelas e gráficos do século XXI

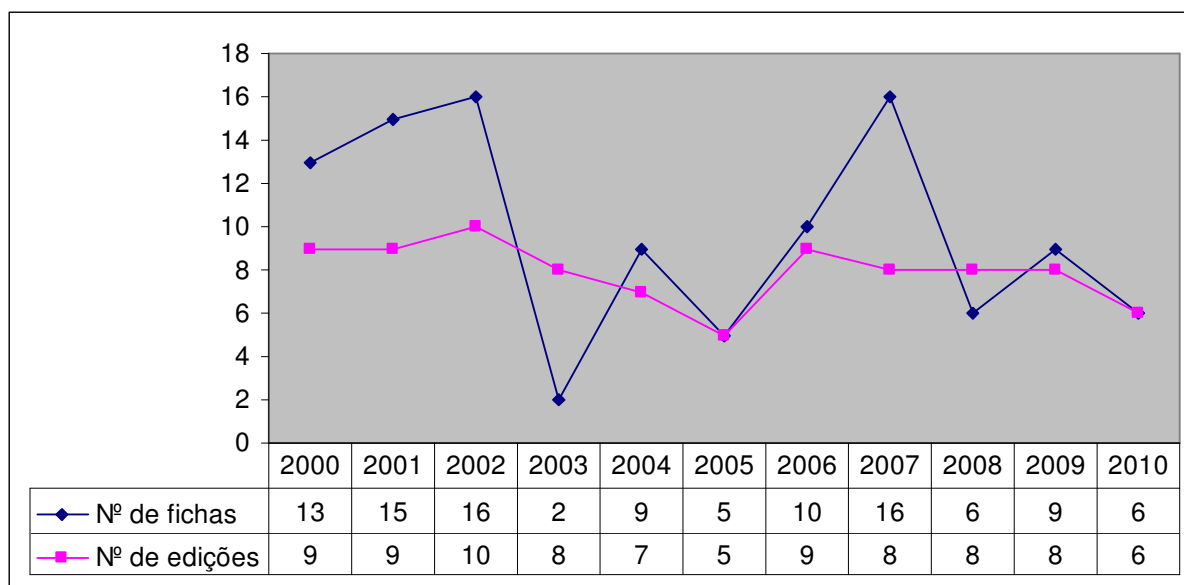


Gráfico 16 - Número de fichas e número de edições na década de 1990

Tabela 11 - Média de fichas de cada edição do jornal da década de 1990

2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Média séc XXI
1,44	1,67	1,6	0,25	1,29	1	1,11	2	0,75	1,13	1	1,202994228

Esta foi a última planilha do instrumento de pesquisa gerado por esta pesquisa, que teve como objetivo facilitar a busca das reportagens ligadas a Educação Física, esporte e lazer no bando de dados do jornal da UFV, como também disponibilizar informações sobre o mesmo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso ir além do ato de registro da informação em um suporte, e preciso também que se tenha um planejamento de tal forma, que, mesmo com uma quantidade exacerbada de documentos gerados diante das ferramentas tecnológicas disponíveis nos dias atuais, seja possível localizar e utilizar a informação no tempo correto.
(CALDERON et al, 2004, p.101)

Este estudo teve seu ponto de partida na necessidade de um grupo de pesquisa em memória do esporte universitário (PEMEU), implantado no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, de encontrar fontes para servir de subsídios para as pesquisas idealizadas.

Então, inicialmente, a pretensão era somente formar um banco de dados contendo todas as reportagens relacionadas à Educação Física, esporte e lazer dos jornais institucionais da UFV, ao longo de 45 anos para servir de fonte documental aos pesquisadores do PEMEU. Belloto (2007) argumenta que banco de dados dessa natureza podem ser denominado na área de arquivologia como catálogo seletivo. Este tipo de banco se caracteriza por detalhar minuciosamente as unidades de um fundo. No caso do trabalho realizado nesta dissertação, as unidades seriam as reportagens fichadas e o fundo seria os jornais da UFV.

Devido ao fato de o número de fichas ser relativamente grande (1212) totalizando cerca de 2500 folhas, houve uma dificuldade dos estudantes²³ em encontrar as reportagens ligadas aos seus interesses. Em função da observação destas dificuldades percebemos a necessidade de se criar um instrumento de pesquisa para facilitar a busca das informações desejadas. Bacellar (2006) esclarece que esses instrumentos são fundamentais para que ocorra uma primeira aproximação entre o pesquisador e as fontes dos arquivos, pois, desta forma, eles descobrem se existem documentos disponíveis ligados ao seu objeto de pesquisa.

Como fruto desse estudo, foi gerado um DVD contendo o banco de dados e o instrumento de pesquisa. A idéia de colocar esses produtos da pesquisa em formato digital veio da impossibilidade funcional, econômica e ambiental de se imprimir todas as 2500 páginas do banco de dados e ainda encaderná-las, bem como da necessidade do instrumento de pesquisa ser acessado somente por computador devido ao seu formato digital em programa Microsoft Excel.

²³ Esse banco de dados está sendo utilizado como fonte documental histórica para uma dissertação, duas monografias e cinco artigos científicos produzidos pelo PEMEU.

Esse trabalho se caracterizou como interdisciplinar, perpassando pelas áreas de Educação Física, história e arquivologia. A Educação Física se mostra contemplada nesse estudo a partir do momento que banco de dados e o instrumento de pesquisa criados foram e serão fontes documentais históricas para pesquisas na temática de Educação Física, esporte e lazer. O fazer história é o ponto inicial, pois foi pensando em possibilitar a construção de estudos históricos que este estudo se consolidou. A arquivologia foi campo de conhecimento que possibilitou a organização dos produtos desse projeto de maneira sistematizada e orientada.

É importante ressaltar que em nenhum momento essa pesquisa buscou analisar e escrever história, pois seu propósito maior e principal foi organizar e disponibilizar fontes documentais para trabalhos históricos relativos aos movimentos de Educação Física, esporte e lazer no seio da instituição.

7. REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS. Núcleo Regional de São Paulo. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. São Paulo: Núcleo Regional de São Paulo; Secretaria Estadual de Cultura, 1996.

BACELLAR, C.. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 23-76.

BRASIL. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991 . Dispõe sobre o direito de acesso pleno aos documentos públicos. **Legislação brasileira sobre acesso à informação**. Disponível em: <<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/LEGISLAÇÃO%20BRASILEIRA%20SOBRE%20ACESSO%20INFORMA-%20nova%20versão%20em%20pdf1.pdf>>. Acesso em: 15 setembro 2010, 15:06.

BRASIL. Lei n. 11.111, de 5 de maio de 2005. Dispõe sobre o sigilo de documentos públicos. **Legislação brasileira sobre acesso à informação**. Disponível em: <<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/LEGISLAÇÃO%20BRASILEIRA%20SOBRE%20ACESSO%20INFORMA-%20nova%20versão%20em%20pdf1.pdf>>. Acesso em: 11 agosto 2010, 12:06.

BRASIL. Ministério do Esporte. Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer. **Rede CEDES**. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/sndel/esporteLazer/cedes/redeCedes.jsp>>. Acesso em: 12 novembro 2010, 13:07

BARROS, J. D.. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BELLOTO, H. L.. **Arquivos permanentes: Tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2007.

BURKE, P.. Abertura: a nova história: seu passado, e seu futuro. In: BURKE, P. (Org). **A escrita histórica: novas perspectivas**. São Paulo: editora UNESP, 1992. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XMih8wEFXXwC&oi=fnd&pg=PA7&dq=Importância+da+historia&ots=20iymexNW-&sig=ideJ4TnAyJ_aB21G_UHCB1GB2cY#v=onepage&q=Import%C3%A2ncia%20da%20hist%C3%B3ria&f=false>. Acesso em: 20 outubro 2010, 18:57.

CALDERON, W. R.; CORNELSEN, J.M.; PAVEZI, N.; LOPES, M.A.. O processo de gestão documental e da informação arquivística no ambiente universitário. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, Dec. 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000300011&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Nov. 2010. doi: 10.1590/S0100-19652004000300011.

CAMARGO, A. M. de A.; BELLOTTO, H. L. (orgs.). **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo de São Paulo / Secretaria de Estado da Cultura – Departamento de Museus e Arquivos, 1996.

CARDOSO, C.F.; BRIGNOLI, H.P.. **Os métodos da história**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

CASTORIADIS, C. (Org.). **A criação da história**. Porto Alegre: Editora artes ofícios, 1992

CELLARD, A.. A análise documental. In: POUPART, Jean (org.), et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, M.. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

COSTA, A. de. A bibliografia arquivística no Brasil: análise quantitativa e qualitativa. **Arquivistica.net**. Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.8-26, janeiro – junho 2007. Disponível em: <<http://www.arquivistica.net>>. Acesso em: 06/07/2010, 12:12.

CUNHA JÚNIOR, C. F. F. da C.; MARTIN, E. R. H.; ZACARIAS, L. dos S. **Educação Física: Memórias e narrativas em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

DURHAM, E.. Cultura, patrimônio e preservação. In: ARANTES, Antonio Augusto (org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ELIAS, N.. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

FAZENDA, I. C. A.. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 15. Ed. Campinas: Papyrus, 1994.

CASTELLANI FILHO, L.. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 12. ed. Campinas:Papyrus, 2006.

FONSECA, M. R. F. da.. Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808 – 1930). **Revista História, ciências, saúde**, Manguinhos, v.8, suplemento, 2002, p. 275 – 288.

FONSECA, M. O.. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2005.

GADDIS, J.L.. **Paisagens da história**: como historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GARCIA, O. M. C.; SCHUCH JUNIOR, V. F.. A aplicação da arquivística integrada, considerando os desdobramentos do processo a partir da classificação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 7, n. 1, janeiro - junho. 2002, p. 41-56. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/1695/1446>>. Acesso 25 outubro de 2010, 23:42.

GUARNIERI, I. L.; ALVES, F.L.. Imagens do cotidiano e temporalidades: historiografia e imprensa. **Revista eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário Labirinto**. Universidade Federal de Rondônia. Ano 7, n. 10, janeiro - dezembro 2007. Disponível em <www.cei.unir.br/artigo104.html>. Acesso em 18 outubro 2010, 13:01.

HENRIQUES, M. L.. **A dimensão legal do acesso à informação arquivística no Arquivo Nacional da Torre do Tombo**. [S.l : s.d] , [2000?] Disponível em: http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/ibericas/a_dimenso_legal_do_acesso__informao__torre_do_tombo.pdf. Acesso em: 12 setembro 2010.

JARDIM, J. M.. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Revista Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, 1996. Disponível em: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:k-XDo8y8Hb4J:revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/439/397+A+invencao+d+a+memoria+dos+arquivos+p%C3%BAblicos&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESio6-5_cukIDkBZZ7AkVobQT7xPX1TYrrO7llq01JZ6J2NSoVziWuAt1hNAHHfHCFcgJvHHqU_y428OmEw4fK3YvSiSGvIPQyiQ6_L8PyKK_f_OGNX08U4sOX3RX5XxV4pXuAgf&sig=AHIEtbT6vEXI29NRIKhWEYN3HfIZGXmnUA>. Acesso: 24 setembro 2010, 12:14.

_____. Diversidade arquivística e políticas de arquivos. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v.3, n.1, abril 2009, p. 46-49. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3312/2422>>. Acesso em: 24 setembro 2010, 08:32.

_____. **O acesso à informação arquivística no Brasil**: problemas de acessibilidade e disseminação. [S.l : s.d] , [1995?]. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/mesa/o_acesso__informao_arquivstica_no_brasil.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2010, 21:52.

LIMA, M. J. P. de. Os Arquivistas, a Formação, a Profissão. **Cadernos de BAD**, Lisboa, v.2, 1992. Disponível em: <http://www.apbad.pt/Edicoes/Edicoes_Cadernos.htm/art202>. Acesso em 12 outubro 2010, 14:32.

LOPES, E. M. T.. **Métodos e fontes na história da educação e Educação Física**. Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte. Lazer e Educação Física. Org: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues *et AL*. Belo Horizonte:UFMG/EEF,1996.

LOPES, L.C.. **A nova arquivística na modernização administrativa**. Rio de Janeiro : [s. n.], 2000.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

MAILLARD, N.. **Introdução à Programação**. [S.n] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: < <http://www.inf.ufrgs.br/~nicolas/info1040/3sistemas-arquivos-info1040.ppt>> Acesso em: 15 agosto 2010, 08:45.

MELO, V. A. de. **História da Educação Física e do esporte no Brasil: paronama e perspectivas**. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1999.

MENDOZA, C. A. L. M.. Fontes para uma história da ciência na Argentina: problemas metodológicos. In: Figueirôa, S. F. M. **Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p. 98-99.

REIS, J. C.. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 9.ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2007.

REIS, R.. **Arquivologia e História**. Viçosa: [S.n], 2010. (Apostila de arquivologia e história do arquivo central, Universidade Federal de Viçosa)

SANTOS, C. A. S.. **Descritores de arquivos e ponteiros de arquivos**. [S.l. : s.n], 2000. Disponível em: < <http://www.dca.ufrn.br/~adelardo/cursos/DCA409/node17.html>>. Acesso em: 15 novembro 2010, 23:03.

SAVIANI, D.. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, ago. 2006, p. 28-35. Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art5_22e.pdf>. Acesso em: 15 novembro 2010, 22:52.

SCHIMIDT, M. A.; CAINELLI, M.. **Ensinar história**. São Paulo: Scipieni, 2006.

SCHWARTZ, R. Perspectivas de análises históricas: questões sobre a história tradicional e história social. **Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura**, Rio de Janeiro, ano 3/4, n. 3/4, 2003/2004, p. 125-134. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/Revista_Arte_Historia_Cultura/Revista_20Mack._20Arte_20rosana_20schwartz_2014.pdf>. Acesso em: 22 setembro 2010, 22:34.

SILVA, M. I. L.. **História do Brasil**. São Cristóvão: CESAD, 2009.

SILVA, R. M.. **As representações e as relações do esporte na Política Nacional de Esporte**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.

SOARES, P. G.. **Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora/MG: o discurso do jornal o pharol (1876 - 1915)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2009.

SPINK, P. S.. Capítulo V. Análise de documentos de domínio público In: SPINK, M. Jane S. (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VEIGA, C. G.. **Historiografia sem historiadores?** Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte. Lazer e Educação Física. Org: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues *et al.* Belo Horizonte:UFMG/EEF,1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Departamento de Assuntos Comunitários. **Apostila de Microsoft Excel**. Disponível em: <http://www.unifesp.br/proex/dac/eaoc/apostilas/excel_2003/apostila.pdf>. Acesso em 05 dezembro 2010, 00:01.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Síntese histórica da Universidade Federal de Viçosa – UFV**. Disponível em: <<http://www.ufv.br/>>. Acesso em: 02 outubro 2010, 14:25.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Links: elementos de ligação das páginas**. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/dicas/htm/htm-link.htm>>. Acesso em: 02 dezembro 2010, 11:28.